

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM LITERATURA BRASILEIRA E
HISTÓRIA NACIONAL

ISABELLE MARINÉA DRESCH

CURITIBA: CÁRCERE OU LAR?

CURITIBA

2014

ISABELLE MARINÉA DRESCH

CURITIBA: CÁRCERE OU LAR?

Monografia apresentada à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura Brasileira e História Nacional para a obtenção do título de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

São tortuosos os caminhos que se percorre ao pesquisar e escrever, e para que se possa alcançar o objetivo final com sucesso, muitos são os envolvidos, direta ou indiretamente, que auxiliam e apoiam o percurso. Entre muitos, agradeço à minha orientadora e coordenadora, a Doutora Naira de Almeida Nascimento, por todo o apoio, incentivo, suporte, correções e também pelo profundo conhecimento compartilhado. Agradeço a Dalton Trevisan, pela bibliografia de incontestável qualidade que me surpreende a cada leitura e foi fonte de inspiração para esta monografia. Agradeço ao escritor Roberto Gomes, pela prontidão com que enviou seu conto aqui utilizado. Agradeço a todos os excelentes professores de Literatura que tive ao longo de minha jornada acadêmica, em especial por terem despertado em mim o gosto e interesse por esta área. Agradeço ao professor Cleomar Rogério Daldegan, por todo o apoio e indicações de leitura no que diz respeito à parte histórica. Agradeço a Jacqueline Sambugaro, pela ajuda de última hora. Agradeço aos meus familiares, por todo o apoio neste período de muito estudo, e ao Benjamin, pela incansável companhia durante todo o processo de pesquisa, leitura e escrita.

*Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que
vosmecê é – província, cárcere, lar –, esta
Curitiba, e não a outra para inglês ver, com
amor eu viajo, viajo, viajo.*

Dalton Trevisan

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo utilizar-se da literatura e da história para realizar a leitura de duas cidades de Curitiba distintas – a cidade promovida pelas campanhas governamentais e publicitárias, conhecida como Cidade Modelo; e a cidade cantada por escritores locais, vinculada em contos, crônicas, textos e entrevistas. Para tal, far-se-á uso da história da cidade, mais especificamente a partir do momento em que ela deixa de ser uma província e começa a traçar sua imagem atual e dos anos compreendidos na gestão de Jaime Lerner. Também serão de extrema importância alguns dos autores locais, como Dalton Trevisan, Jamil Snege, Cristovão Tezza e Paulo Leminski, para contrastar com a imagem política da cidade. Vale ressaltar que a análise das obras destes autores não é o foco deste trabalho, sendo que seus textos serão utilizados para ilustrar e exemplificar uma Curitiba que não a Capital de Primeiro Mundo. Espera-se, com esta pesquisa, compreender os caminhos que levaram à atual imagem da cidade, e os percorridos pelos escritores abordados, procurando perceber suas diferenças e semelhanças. Almeja-se também conhecer as duas faces da cidade e contrastá-las, desmistificando o mito que a cerca e revelando a cidade que é conhecida dos curitibanos, pessoas que a vivenciam diariamente, com suas mazelas e belezas.

Palavras-chave: Curitiba. Cidade Modelo. Trevisan. Snege.

ABSTRACT

This paper aims to make use of both literature and history for examining the two different cities of Curitiba - the city promoted by the government and advertising campaigns, known as a Model City, and the city sung by local writers, linked in stories, chronicles, texts and interviews. For that to be possible, part of the history of the city will be analysed, more specifically from the moment that it begins to change its aspects from a province to its current characteristics, as well as the years in the management of Jaime Lerner. Some of the local authors like Dalton Trevisan, Jamil Snege, Cristovão Tezza and Paulo Leminski will be extremely important to contrast with the political image of the city. It is noteworthy that the analysis of the works of these authors is not the focus of this paper, and their texts will be used to illustrate and exemplify the city of Curitiba which differs from the Capital of a Developed Country. This research hopes to understand the paths that led the city to its current image and also the course of the mentioned writers, seeking to recognize their differences and similarities. Additionally, the two sides of the city will be compared and contrasted, debunking the myth that surrounds it and revealing the city of Curitiba which is known by its citizens, who experience it daily with its flaws and beauty.

Keywords: Curitiba. Model City. Trevisan. Snege.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 CURITIBA: CIDADE MODELO.....	10
2 LUGARES COMUNS: DESMISTIFICANDO O MITO.....	14
3 CAPITAL ECOLÓGICA X PROBLEMAS AMBIENTAIS.....	23
4 SOCIEDADE E CULTURA: CÁRCERE OU LAR?.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS.....	45
1 – COMO TORNAR-SE INVISÍVEL EM CURITIBA.....	45
2 – O PARAÍSO DE FERNANDINHO.....	47
3 – CARTA DE AMOR E DESAMOR A CURITIBA.....	49
4 – MINHA VIDINHA DE CACHORRO.....	51
5 – MEUS CABELOS LONGOS E LINDOS.....	53
6 – A CIDADE DE NOSSOS EXÍLIOS.....	55
7 – PREGUIÇA DE FAZER QUALQUER COISA EM CURITIBA.....	57
8 – BOAS INTENÇÕES PARA O PRÓXIMO INFERNO.....	59
9 – ESCRITOR, OLHOS VERDES, SEXY, CARINHOSO.....	61
10 – BANANAS, MANGAS E LAGARTIXAS.....	63
11 – COISAS QUE IRRITAM EM CURITIBA.....	65

INTRODUÇÃO

Para um bom número de curitibanos o mito acerca da cidade de Curitiba – e que rendeu a esta diversos títulos, como Cidade Modelo, Capital Ecológica, Capital de Primeiro Mundo etc. – é repetido com um sorriso nos lábios, o peito inflando com o orgulho de morar nesta cidade, sentindo-se parte destas conquistas. É possível, porém, deparar-se com casos opositores, de cidadãos que, por pertencerem ao objeto admirado e vivenciarem diariamente suas mazelas, desenvolvem um senso crítico apurado que não é convencido pela maquiagem política e publicitária. Tem-se na literatura paranaense – mais precisamente na literatura local, curitibana – alguns nomes que vão contra esta corrente e contestam a imagem criada em torno da cidade, desmentindo este mito de Cidade Modelo por meio de seus escritos.

A literatura retrata a sociedade e os comportamentos sociais, e utiliza-se do espaço urbano não apenas como cenário, mas como personagem. Dessa forma, as publicações literárias que se utilizam da cidade de Curitiba como ponto inicial para sua construção contribuem fortemente para a formação da imagem da capital paranaense, imagem esta que pode ter uma conotação positiva, no sentido de lar, e também negativa, sendo o cárcere de seus habitantes.

Este estudo se propõe a fazer uma leitura da cidade de Curitiba, levando em consideração a dicotomia entre a cidade criada pelas campanhas políticas e publicitárias e a cidade vista pelos olhos de escritores curitibanos. É importante ressaltar que por escritores curitibanos entendem-se escritores que fizeram da cidade seu lar e palco do espetáculo de sua literatura, conforme afirma Antônio Cândido de que a cidade onde se vive exerce maior influência do que o lugar onde se nasceu, marcando literalmente os seus habitantes. (CANDIDO, 2006)

Tendo como base contos e crônicas de escritores locais, este trabalho pretende traçar um paralelo entre a imagem publicitária construída há décadas sobre a cidade de Curitiba e a cidade do contra discurso político, profundamente escancarada nas obras utilizadas como referência.

Entre estas obras, estão contos do contista curitibano – na realidade nascido em Colombo, mas genuinamente curitibano em seus contos – Dalton Trevisan. Ao ler sua obra um questionamento sempre vem à tona, e aqui ele aparece na voz de Cristovão Tezza: “por

que diabos um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos se dedica com tanto afinho a amaldiçoar sua cidade?” (TEZZA, 2003a) ¹ Uma das explicações plausíveis vem também deste escritor, ao afirmar que

Numa perspectiva estritamente literária, Dalton realiza o paradoxo de, ao invocar um suposto paraíso rural, uma suposta vida idílica anterior ao progresso massificador e abstrato da urbanização, destrói completamente o imaginário romântico – fortíssimo na nossa tradição literária. (TEZZA, 2003a)

Trevisan faz uso da memória para reconstruir a cidade de sua juventude e contrastá-la com a atual, pressionando as feridas para que estas doam e sangrem, exaltando belezas escondidas pelo tempo e cicatrizes mascaradas pelo mito de cidade-modelo construído em torno desta. A obra *Em busca de Curitiba perdida*, do contista Dalton Trevisan, merece destaque por conduzir o leitor “por caminhos tortuosos, múltiplos e enganosos; por uma cidade diversa da metrópole de hoje que carrega o título de ‘cidade modelo’”. (NICOLATTO, 2004, p. 141b) Sobre esta obra Nicolatto ainda afirma que

Em seus contos, Dalton Trevisan nos relata, com uma visão um tanto quanto objetiva e crua, o universo rico, estranho e ao mesmo tempo grotesco do cotidiano da província, marcada por ranços da vida campesina, usando para isso uma infinidade de referências. Essas referências ele vai buscar não somente nas relações que se configuram no dia-a-dia de uma cidade provinciana, onde está em jogo a traição, a passagem de uma vida moralmente correta para o mundo da prostituição, a loucura, a solidão, o desencontro e a morte. Mas também no estilo que vai se caracterizar pela apropriação de diferentes vozes discursivas, extraídas do universo bíblico, nas parábolas, do discurso da comunicação de massa, nos cânones da literatura e na mitologia clássica. São registros que também oferecem ao leitor uma visão do linguajar de um pedaço do Brasil periférico que se nutre dos clichês, do grotesco, do kitsch através de expressões como ‘gatinha crucificada nos cravos da luxúria’, ‘alegres mistérios da carne’. (NICOLLATO, 2002, p.42a)

Outro escritor local utilizado como referencial para esta pesquisa é o publicitário e escritor Jamil Snege. Uma frase marcante de uma de suas crônicas foi o ponto de partida para que se estabelecesse uma linha entre ele e Trevisan, comprovando a influência da cidade de Curitiba em sua obra. A frase faz parte da crônica *Boas intenções para o próximo inferno*, e diz: “quanto aos antigos traumas, ainda não me refiz de ter nascido em Curitiba”. (SNEGE, 1998, p. 8d) Para Snege, Curitiba está inscrita na memória, pois a cidade “se tece e se destece, se desfaz e se refaz com a sábia regularidade das teias de aranha”. (SNEGE, 1994, p. 97a)

¹ Texto disponível no site do autor, não há paginação.

Não importa as mudanças que esta cidade venha a sofrer, ela sempre “se regenera, como o rabo cortado de uma lagartixa”, voltando então a ser a mesma Curitiba da qual o autor conserva o ‘trauma’.

É importante ressaltar que o cronista foi pupilo de Dalton Trevisan – ambos frequentavam a mesma roda de amigos nos cafés da Boca Maldita – e suas crônicas remontam a uma geração de escritores que se entrelaçam, comprovando a ideia de Antônio Cândido de que assim se tem uma espécie de transmissão da tocha entre corredores, e que tal assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo”. (CÂNDIDO, 2006) Na literatura de Snege o que define a cidade é a sua sociedade e a maneira como esta a percebe e vivencia. Os lugares comuns, tão utilizados por Trevisan, aqui apresentam pouca importância, tendo pouca ou nenhuma influência na obra. Os curitibanos adquirem todas as qualidades – ou mais propiciamente, a falta de – e ocupam o papel de agentes influenciadores e transformadores das personagens de Snege. Através desta sociedade-cenário, o escritor irá construir a imagem de uma Curitiba-província, que esmaga e restringe ao limbo seus filhos que, por ventura, arriscam-se à visibilidade de tornarem-se algo mais do que ‘curitibocas’. Sua obra, além de explorar os limites da sociedade, também procura revelar a falta de visibilidade da literatura paranaense – mais especificamente, curitibana.

Por fim, o principal aqui não é realizar um estudo da obra dos escritores, mas sim utilizá-las como referencial para contrastar as diferentes imagens atribuídas à cidade de Curitiba.

1 CURITIBA: CIDADE MODELO

Maldito o dia em que filho de homem te habitou; o dia em que disse nasceu uma cidade não seja lembrado; por que não foste sempre um deserto, em vez de cercada de muros e outra vez sem um só habitante? (TREVISAN, 1992, p. 15)

A imagem de cidade modelo surgiu na década de setenta e consolidou-se na década de noventa. Neste período o planejamento urbano atribuiu à cidade títulos como ‘Capital Brasileira de Primeiro Mundo’ e ‘Capital Ecológica’. Para melhor entender este processo que culminou com o excesso de adjetivação para com a capital faz-se necessário recuar no passado e conhecer a história da província com ares rurais. Este não é, porém, o objetivo aqui, e sendo assim far-se-á apenas uma breve explanação sobre este processo a partir da década de quarenta, e apenas os anos decorridos a partir deste período serão abordados neste trabalho.

O processo de urbanização de Curitiba iniciou-se na década de quarenta, quando o então prefeito, Rozaldo de Mello Leitão, contratou a firma de engenharia Coimbra Bueno & Cia. Ltda. para conceber um plano diretor para a cidade. Estes então contrataram o urbanista francês Alfredo Agache, que em seu plano posteriormente conhecido como ‘Plano Agache’, propôs a criação de um sistema de saneamento, de arborização, de parques nos extremos da cidade, e de centros destinados às atividades administrativas, comerciais e militares. Quanto a estes centros, Dennison de Oliveira afirma que

Agache dividiu a cidade em zonas funcionais: um centro comercial (o centro tradicional), um centro administrativo (o Centro Cívico), uma cidade universitária (o Centro Politécnico), um setor militar (onde hoje se localizam a base aérea do Bacacheri e várias outras instalações do exército), um Centro Industrial (Capanema e Rebouças) e um Centro de Abastecimento (onde hoje é o Mercado Municipal, construído na década de 50). (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 72)

Destaca-se em especial a construção do Centro Cívico – sede dos prédios do poder público – com obras iniciadas em 1951 e inaugurado em 1953, na comemoração do Centenário de Emancipação Política do Paraná, pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Apenas em 1968 o bairro receberia o nome de Centro Cívico.

Na década de cinquenta, o discurso de modernização acentuou-se, e, em 1962, o então prefeito Ivo Arzua, juntamente com arquitetos e engenheiros, decidiu revisar o Plano Agache, reajustando-o nos pontos em que o progresso o tornava inviável. O plano nunca foi implantado em sua totalidade, tendo sido executadas apenas algumas obras no que diz respeito às vias de acesso – tanto para automóveis quanto para pedestres –, a criação de parques e áreas de lazer e a divisão da cidade por zonas funcionais.

Márcio de Oliveira destaca que neste período “Curitiba começava a entrar na história dos Planos Diretores e sua experiência seria modelo para outras cidades do Brasil”. (OLIVEIRA, M. 2001, p. 2)

A questão ambiental teve início na década de setenta, com a construção de parques, bosques e áreas verdes, incentivo ao plantio de árvores, preservação de matas ciliares e evolução da legislação.

Pensando ainda em criar novos pontos de encontro para as pessoas, surgiu a ideia da implantação de parques e áreas verdes adicionais. Aqui também pesou a preocupação ambiental, dado que a cidade possuía baixíssimos índices de área verde por habitante. De fato, desde a sua fundação em 1883, o Passeio Público permanecia como o único parque público da cidade. Foram então levantadas e desapropriadas áreas de várzeas de rios, impróprias para quaisquer tipos de construção face ao risco permanente de enchentes, as quais foram destinadas à instalação de parques e áreas de lazer. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 50)

Dennison de Oliveira ressalta aqui o início do processo de construção dos parques de Curitiba, um dos responsáveis pelo reconhecimento da cidade como ‘Capital Ecológica’ e ‘Capital com o maior índice de área verde por habitante’. Vale ressaltar que

Em 1974 o Instituto dos Arquitetos do Brasil elegeu a administração do então prefeito de Curitiba, o arquiteto Jaime Lerner, a melhor do Brasil, qualificando-a como um modelo e exemplo a ser seguido. Ainda naquele ano o Ministério do Interior, no qual estavam alocados os principais órgãos federais afetos à política urbana, encomendou ao Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ) uma investigação para ‘verificar através de um estudo de caso, o de Curitiba, como determinada proposta urbanística pode ser implementada com sucesso’ dado que ‘a elevada taxa de fracasso de planos urbanísticos no Brasil – e o considerável montante de recursos investidos nestas tentativas fracassadas – o estudo de um caso de planejamento bem sucedido justifica-se plenamente [...]’. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 72)

A respeito da administração da cidade, cabe salientar a importância da sucessão de mandatos exercidos por Jaime Lerner, fator fundamental para que a implantação do plano fosse bem sucedida. De fato, “esse plano foi implantado, em sua totalidade, durante o período 1971-1983, o que corresponde às administrações dos prefeitos da ARENA – Jaime Lerner (1971-1975 e 1979-1983) e Saul Raiz (1975 -1979)”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 52)

Oliveira afirma que a terceira administração de Jaime Lerner (1988-1992)

optou por uma substancial mudança de enfoque que, relegando ao segundo plano os discursos e as práticas afetas ao planejamento urbano, enfatizou as realizações de ordem estética e uma política de caráter setorial: aquela voltada para o meio ambiente. Dificilmente se poderia exagerar o impacto que ambas causaram nacional e internacionalmente. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 57)

Nesta administração foram realizadas obras com curtíssimo tempo de execução, “apelando para novas tecnologias e sempre de grande impacto visual”, (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 58) com o intuito de inserir uma concepção pós-moderna na estética da cidade. Deste período data a construção da Ópera de Arame, Jardim Botânico, Rua 24 Horas, reforma do tradicional Mercado Municipal e as estações tubulares para atender aos novos ônibus biarticulados. Foi também neste período, mais precisamente em outubro de 1990, que Curitiba recebeu uma importante premiação durante o Congresso Mundial de Autoridades Locais para um Futuro Sustentável. Este prêmio “é considerado o Oscar do Meio Ambiente, oferecido a programas e políticas sobre o gerenciamento de recursos sólidos urbanos – o lixo no contexto do planejamento da cidade”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 10) Em outubro deste mesmo ano a cidade recebeu o “segundo reconhecimento internacional à eficiência das ações inovadoras da Capital Ecológica, sendo premiada pelo *International Institute of Energy Efficiency*. O motivo: o sistema integrado de transporte, cuja concepção prioriza o transporte coletivo sobre o transporte individual”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 11)

Ao falar a respeito das transformações que a cidade de Curitiba sofreu é fundamental citar que todas estas mudanças foram massivamente engrandecidas e disseminadas pela mídia. O escritor Cristovão Tezza comenta que

essa mudança estrutural da cidade foi acompanhada, sempre, de campanhas publicitárias extremamente profissionais; tudo que se fazia, do ponto de vista físico, recebia um equivalente abstrato na programação visual, de certa forma um “logotipo”, que a cada época marcava a imagem da cidade. Ainda mais – essas

marcas visuais, parte essencial do projeto da imagem da cidade, sempre mantiveram uma extraordinária unidade: a cidade inteira sempre esteve submetida, na criação dessa Curitiba urbana dos últimos 40 anos, a um conceito visual unitário, centralizado e criado de cima para baixo. (TEZZA, 2003a)

É importante destacar que o motivo de tamanho foco de atenção sob os avanços e progressos da cidade remonta ao histórico de outras cidades brasileiras na execução de seus planos diretores.

Em nenhum lugar [...] encontrará uma cidade em que, através de um processo permanente e institucionalizado de planejamento urbano, tenham se criado as condições mínimas para se intervir de forma consciente e duradoura na maneira como crescem e se desenvolvem nossas metrópoles. Há, contudo, uma exceção: dentre os milhares de municípios brasileiros, entre as centenas de órgãos dedicados ao planejamento urbano, no conjunto de várias instâncias de coordenação de atividades metropolitanas, avulta um único exemplo de um caso de sucesso no campo do planejamento urbano: o da cidade de Curitiba. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 12-13)

Dennison de Oliveira destaca que “em todo o Brasil se assistiu às tentativas de instauração de determinadas políticas permanentes de intervenção no espaço urbano”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 24) O insucesso destas tentativas em outras capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre – o que não é relevante ser retratado aqui – remonta ao fato de que “predominou durante largo período de tempo a completa descoordenação das atividades dessas agências”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 25) Desta forma em Curitiba “– e somente em Curitiba – obteve-se com sucesso a coordenação, sob a égide de uma agência central de planejamento, das diversas entidades e instâncias cuja atuação estava voltada para a execução de projetos de reforma urbana”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 31)

Frente ao fracasso das demais cidades, é compreensível o alarido acerca da cidade de Curitiba e seus bem sucedidos feitos em relação ao desenvolvimento urbano. E foi “graças ao êxito (da reforma urbana) é que Curitiba teria se convertido em uma das melhores cidades do mundo para se viver” (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 176) e recebido atenção nacional e internacionalmente. A capital do Paraná é, desde então, vista como a “[...] melhor e mais inovadora cidade do país. Uma cidade onde ônibus funcionam, ruas são limpas, funcionários públicos são educados e frequenta-se parques e bosques nos fins de semana”. (OLIVEIRA, M. 2001, p. 3)

2 LUGARES COMUNS: DESMISTIFICANDO O MITO

Antonio Cesar de Almeida Santos, em sua dissertação de Mestrado em História, pesquisou a respeito da Curitiba presente na memória de seus moradores mais antigos, encontrando-se então com uma cidade distante da que agora habita.

Para alguns de nós, o progresso de uma cidade é reconhecido por intermédio da qualidade dos serviços e dos equipamentos urbanos colocados à disposição da população: isso de serviços da cidade, transporte, energia, comunicação, saúde. As informações que vão sendo disseminadas permitem que os habitantes produzam uma avaliação orientada por um exercício comparativo entre cidades, embora, geralmente, tenhamos a tendência de enxergar a nossa cidade de maneira extremamente familiar e positiva, formulando pré-juízos difíceis de serem postos de lado. (SANTOS, 1995, p. 19)

Tanto Dalton Trevisan quanto Jamil Snege diferem do pensamento de Santos no que diz respeito à maneira de enxergar a cidade que habitam. Ao invés de comemorarem as conquistas e deixarem-se levar pelo mito que a cerca, escolheram cantar para o mundo suas incongruências, muitas vezes maldizendo e amaldiçoando aquela que os pariu. Se Santos afirma que “para superar essa tendência, que nos faz ver a nossa cidade como a melhor do mundo, torna-se necessário que nos distanciemos desse objeto sobre o qual estamos lançando o nosso olhar” (SANTOS, 1995, p. 19), deve-se observar que ambos os escritores tentaram este distanciamento, cada qual a sua maneira. Snege em alguns momentos deixou este solo, mas logo retornou, impossibilitado de permanecer muito tempo longe desta terra. Se a cidade o condenou à invisibilidade, ele aceitou tal condição. E permanece em Curitiba, descansando no Cemitério Parque Iguazu desde seu falecimento em maio de 2003.

Trevisan escolheu outro caminho, apesar de também não abandonar o solo das araucárias – mora na mesma casa há vários anos, endereço conhecido, porém não visitado, do jeito que ele prefere. O fato de não ter saído dos limites da cidade não significa que ele não tenha, efetivamente, se afastado. O contista conseguiu aqui algo notável: isolou-se da cidade dentro dela mesma. Construiu barreiras (quase) intransponíveis em torno de si próprio, e fez dos muros de sua casa seu forte, distanciando-se metaforicamente da cidade atual, cidade que destruiu a Curitiba de sua infância e juventude, e sobre a qual afirma: “a tua cidade não é a minha/bicho daqui não sou”. (TREVISAN, 1992, p. 90)

Obviamente, não se trata de uma distância física: proximidade e distância são atributos espaciais, mas são também modos de ver, maneiras de observar e perceber a realidade. O distanciamento consiste em enxergar o que estamos observando, e que nos é familiar, com outros olhos; não aqueles já acostumados e informados pelo que se está vendo. Comparar experiências semelhantes, num mesmo tempo e em espaços diferentes, pode auxiliar esse processo. Ou, pode-se construir um distanciamento voltando nossos olhos para pequenos detalhes que ficaram inscritos no próprio tempo de um mesmo objeto. (SANTOS, 1995, p. 19)

Quanto a este distanciamento é possível afirmar que ambos os escritores foram bem sucedidos. Foram capazes de enxergar a cidade que o governo público escondia sob a mítica e midiática Curitiba recém-criada.

Segundo Nicolatto, Dalton “revela a possibilidade de compreender as transformações vivenciadas em Curitiba sob um outro ponto de vista, num momento em que as várias instâncias e camadas sociais da cidade conjugam um mesmo discurso, qual seja, o da administração municipal”. (NICOLATTO, 2004, p. 148b) Dalton, inclusive, volta seus olhos para os pequenos detalhes do passado do qual fala Santos, cantando e relembando lugares e pessoas que não fazem parte do discurso oficial, visto não serem agradáveis aos olhos de todos. Dalton “vai dar visibilidade a personagens “menores”, até então desprezados pela intelectualidade tradicional da cidade” (NICOLLATO, 2002, p. 97a) e sua opção é sempre a de tratar de pessoas comuns, desprovidas de quaisquer *status* social. Transitando pela cidade tem-se uma multidão de personagens invisíveis, prostitutas, donas de casa, garçons, trabalhadores braçais e comerciantes, sempre o mesmo João ou a mesma Maria “[...] seres atormentados e perdidos num mundo em que o processo de urbanização se dá em moldes inconclusos. [...] seres que habitam um entrelugar, marcados pela insatisfação com o presente e pelo anseio de evasão, sempre frustrados”. (NASCIMENTO, 2013, p. 138) Trevisan contesta não apenas a imagem da cidade, mas também de seus cidadãos, tendo especial preferência pelas “personagens e situações ‘feias’, desconformes com o conceito clássico do belo, invisíveis e sem identidade não apenas como seres humanos mas também diante dos olhos do poder público”. (NASCIMENTO, 2013, p. 139-140)

Snege irá, alguns anos mais tarde, trilhar este mesmo caminho, porém com o foco mais exacerbado nos aspectos sociais da cidade, procurando mostrar uma população que nada apresenta de ‘modelo’ ou de ‘primeiro mundo’. Retrata de forma irônica os contrastes sociais que marcam a Curitiba do fim do século XX e início do século XXI, afirmando haver “uma Curitiba de manjedouras acetinadas, recendendo a lavandas e beijos, nas quais se vela o sono dos primogênitos, e uma Curitiba de marquises rotas, escuridão e mijo, sob as quais se aninha

o torpor dos meninos que cheiram cola”. (SNEGE, 2000, p. 40b) Em diversos momentos Snege também se coloca como personagem de suas crônicas, não para falar de si mesmo, mas para expor o mito da autofagia – que é o fio condutor de qualquer setor cultural na cidade. Publicada em novembro de 1998 no jornal Gazeta do Povo, a crônica intitulada *Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba* é um grande exemplo da maneira como o autor consegue este feito, pois ao falar sobre o lançamento de um livro, Snege já antevê a invisibilidade que envolve artistas paranaenses – em especial os curitibanos. “A julgar pelo que disseram esses senhores, sou um escritor de talento, fato que tratarei de comunicar imediatamente à minha família e aos meus íntimos. [...] Coisa mais difícil – convencer minha família e meus íntimos de que sou realmente um escritor de talento”. (SNEGE, 1998, p. 8c) Se os críticos conseguem enxergar o talento de um escritor natural dessa cidade, o mesmo não acontece com aqueles que o rodeiam, tanto que o cronista enfatizou esta questão em diversos momentos. É importante mencionar que Snege era publicitário – este foi o seu meio de ganhar a vida – e por mais de uma vez trabalhou com campanhas políticas. Ele, entretanto, nunca vendeu a imagem de Cidade Modelo criada pelo governo – principalmente por Jaime Lerner – e, muito ao contrário, sempre se opôs a ela em seus textos.

Snege também trabalhou – por um curto período – na prefeitura de Curitiba, ao lado de Jaime Lerner. No livro *Como eu se fiz por si mesmo* o autor relata que neste mesmo período Lerner “começava a dar forma verbal aos seus conceitos urbanísticos” e que, aos poucos, recobria-se “de signos a Curitiba imaginada e concebida na prancheta”. (SNEGE, 1994, p. 169a)

A respeito de *Em busca de Curitiba perdida*, Nicolatto afirma ainda que

Merece destaque o fato do texto ter sido republicado (já com novos formatos) em pelo menos dois momentos marcantes, na história do Paraná e de Curitiba, sempre com o propósito de marcar posição e afirmar a cidade provinciana, a cidade da memória: em 1953, por ocasião das comemorações do I Centenário de Emancipação do Paraná e, em 1992, durante os preparativos do aniversário dos 300 anos de Curitiba, que aconteceria no ano seguinte. (NICOLLATO, 2002, p. 13a)

Trevisan coloca-se, em diversos momentos – porém aqui se ressaltam estes dois em especial – a favor da Curitiba provinciana, em contraponto com a cidade inventada que atraiu milhares de migrantes e imigrantes em busca de vida melhor na Capital de Primeiro Mundo.

Faz-se importante ressaltar que foi em decorrência deste *citymarketing* que os curitibanos viram a população de sua cidade crescer consideravelmente, atraindo “cerca de 70% das migrações na década de 1970” enquanto que o poder público seguia desconsiderando que “o intenso crescimento populacional que atraiu [...] veio acompanhado de pobreza, favelização, aumento da violência”. (BONI, 2011, p. 8)

À medida que as comemorações dos 300 anos vão se aproximando, o discurso sobre a cidade modelo de planejamento urbano e de qualidade de vida se afirma com mais vigor ao mesmo tempo em que se apaga a Curitiba dos contrastes, da falta de moradia, dos rios poluídos, do desemprego, enfim, dos bolsões de pobreza. Desta forma, o discurso oficial será o único a prevalecer nos suplementos especiais de aniversário de 300 anos nos três jornais pesquisados. (NICOLATTO, 2004, p. 143b)

Trevisan descreve, justamente, esta Curitiba que a mídia tenta varrer para debaixo do tapete, como uma poeira incômoda, que se vista poderá manchar todos os títulos e colocar em xeque a imagem em construção. Para Berta Waldman “o universo traçado por Dalton Trevisan organiza-se dentro dos limites de uma pobreza escandalosa, porque conflui para a pobreza da vida cotidiana”. (WALDMAN, 2007, P. 251) Cidade modelo com pobreza exacerbada? Com rios poluídos? Com falta de moradia, favelas, bolsões de pobreza? Fica evidente que há duas cidades de Curitiba, distintas e divergentes, a cidade palpável e a cidade da propaganda do horário nobre.

A melhor de todas as cidades possíveis/ nenhum motorista pô respeita o sinal vermelho/ Curitiba europeia do primeiro mundo/ cinquenta buracos por pessoa em toda calçada/ Curitiba alegre do povo feliz/ essa é a cidade irreal da propaganda/ ninguém não viu não sabe onde fica/ falso produto de marketing político/ ópera bufa de nuvem fraude arame/ cidade alegríssima de mentirinha (TREVISAN, 1992, p. 86)

Trevisan coloca aqui alguns dos pontos comercializados pela mídia e rebate com a realidade que vê em seu dia-a-dia. O escritor Roberto Gomes, natural de Blumenau e residente em Curitiba desde a década de sessenta, escreve crônicas quinzenais para o jornal *Gazeta do Povo*, tendo dividido este espaço com Snege por alguns anos. Na crônica *‘Aquele primo visita Curitiba’*, ele também aborda a questão da ilusão que permeia a imagem da cidade para os que a veem apenas pelos meios de comunicação, sem a conhecer de fato. Cabe aqui transcrever um trecho desta, publicada em 1999:

Fui buscá-lo no aeroporto. Foi fácil reconhecê-lo. Usava terno verde, chapéu verde, um galho de pinus nas mãos. Era ele. Me explicou que as roupas homenageavam a capital ecológica. [...] Era meu velho primo. Já na saída do aeroporto disparou:

- E as árvores? As matas? Onde está o verde?

O caso era grave. Expliquei que ainda não chegáramos a Curitiba.

- Logo vi!

Quando passamos pela Vila Pinto, ele, impaciente, perguntou:

- E quando chegaremos a Curitiba?

- Aqui já é Curitiba, primo. [...]

- Mas estas casas de madeira, papelão, pano? Trata-se de algum projeto ecológico?

- Não, primo. É favela mesmo.

- Favela? Em Curitiba?

O primo abriu uma maleta, dela retirando uma pilha de folders.

- Muito estranho, comentou, remexendo na papelada. (GOMES, 1999. In ALMEIDA, 2006, p. 28)

Apesar de exagerada, esta imagem da cidade foi compartilhada por muitos brasileiros que, no período das preparações para a comemoração do centenário de emancipação, viram a capital do Paraná como um símbolo da modernidade. O resultado pode ser confirmado pelos números do IBGE presentes na pesquisa de Boni, acerca da migração exasperada que Curitiba sofreu nas décadas de 1950 e 1960. Neste “período a população da capital teve um aumento percentual de 98,78%”. (BONI, 2011, p. 6) Aumento tão assombroso que foi ironizado por Snege décadas mais tarde, sob a face de inofensivos répteis encontrados fartamente nas residências curitibanas: lagartixas. Segundo Snege “elas abandonaram seus torrões natais e migraram para cá, talvez atraídas, como os paulistas, pela tão propalada qualidade de vida da capital das araucárias”. (SNEGE, 1999, p. 6f)

Esta nova população, com suas mais diferentes expectativas, ocasionou profundas e irreversíveis mudanças na cidade, alterando “mais uma vez sua trajetória de pacata capital de província, defrontando-se com novo ritmo de vida que interferiu no seu mundo tido como conhecido e seguro”. (BONI, 2011, p. 6) Tais mudanças são marcadas e revividas por Trevisan na extensão de sua literatura, em especial nas crônicas que compõe *Em busca de Curitiba perdida*. Em *Curitiba revisitada* o Vampiro pergunta “que fim ó cara você deu à minha cidade/ a outra sem casas demais sem carros demais sem gente demais/ ó Senhor sem chatos demais” (TREVISAN, 1992, p. 86) e, apesar de não nomear, sabe-se tratar da gestão pública que transformou a pequena província na Capital de Primeiro Mundo, conforme afirma Nicolatto:

vale lembrar que o texto traz algumas críticas bem datadas – específicas ao grupo político que administrava a cidade naquele momento – apesar de o autor ter desde o início de sua carreira insurgido contra a Curitiba do progresso desmedido e a qualquer poder instituído que tenha procurado sepultar a cidade de sua infância e juventude. (NICOLATTO, 2004, p. 145b)

O movimento migratório afetou profundamente a questão do aumento dos bolsões de pobreza e o inchaço populacional de Curitiba e das cidades metropolitanas. Pode-se verificar o espanto que esta mudança ocasionou na maneira como Trevisan, Snege e centenas que aqui habitavam muito antes do *boom* demográfico, percebem e reagem frente ao crescimento acentuado da população. Os depoimentos colhidos por Santos e transcritos em sua tese *Memórias e Cidade* comprovam este estranhamento inicial frente ao rápido crescimento da cidade – no sentido social e de modernização – e o saudosismo da cidade de antigamente, presente agora apenas na memória. E é justamente esta cidade da memória que Trevisan vai saudar, utilizando da província para apontar os problemas da capital e desmentir a Cidade Modelo do calçadão “de muito efeito na foto colorida/ não se dá um passo sem escorregar dois ou três” e cantar seu inconformismo para com a “cidade irreal da propaganda”. (TREVISAN, 1992, p. 86)

Entre as queixas de Trevisan está a impossibilidade de se caminhar tranquilamente pelas ruas da região central, em decorrência do perigo que os automóveis representam para os pedestres.

ai da cólera que espuma os teus urbanistas
apostam na corrida de rato dos malditos carros
suprimindo o sinal e a vez do pedestre
inaugurada a caça feroz aos velhinhos de muleta
se não salta já era
em cada esquina os cacos da bengala de um ceguinho
quem acerta primeiro o paraplégico na cadeira de rodas. (TREVISAN, 1992, p. 88)

Dennison de Oliveira lembra que, no plano diretor estabelecido para a cidade, estava o conceito de *pedestrianização* do centro, o qual propunha “que as vias principais do centro tradicional da cidade fossem interditadas ao tráfego de veículos, sendo então reservadas ao uso exclusivo de pedestres”, (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 48) uma vez que predominava “a convicção de que a cidade deveria ser feita para o homem e não para o automóvel. [...] De que

o centro deveria ser preservado como um local de encontro das pessoas e não dos automóveis”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 50) Este é um ponto sempre lembrado por Trevisan sob a imagem de uma ou outra personagem idosa, que “missal na mão, corre aflita – atropelada é que não vai para o céu”, (TREVISAN, 1992, p. 28) ou evocando estatísticas por meio da prosa: “ó cidade sem lei/ capital mundial de assassinos do volante/ santuário do predador de duas rodas sobre o passeio/ na cola do pedestre em extinção”. (TREVISAN, 1992, p. 86) A preocupação com este problema é também apontada por Snege décadas mais tarde, quando ele afirma que uma das coisas que irritam em Curitiba é “a mania que o curitibano tem de economizar o pisca-pisca. O sacana vai dobrar à esquerda, mas só liga o pisca-pisca quando o sinal abre”. (SNEGE, 2001 p. 2f)

Esta crítica aos automóveis é também uma crítica às consequências da modernização a qualquer custo, na qual “o convívio humano desaparece do universo da rua, transformada apenas em local de passagem”. (NICOLLATO, 2002, p. 95a) Assim, a imagem de província desaparece rapidamente, e com ela os costumes tão caros aos moradores mais antigos da cidade – o convívio social que a segurança da rua promovia.

Outro fator que vai de encontro ao mito de Cidade Modelo e abordado por Trevisan e Snege diz respeito à violência enfrentada diariamente pelos habitantes de Curitiba. Há décadas Trevisan já dizia que “batem na porta é um assalto/ na praça leva um tranco já sem carteira nem tênis/ tua mulher sobe no ônibus cadê a bolsa/ não proteste não corra não grite/ do ladrão ou do policial/ o primeiro tiro é na tua cara”. (TREVISAN, 1992, p. 87)

Nos dias atuais a capital do Paraná figura nos rankings da violência não só do Brasil, mas do mundo. De acordo com pesquisa publicada no site da revista Exame, “o índice de assassinatos em Curitiba é **4,7 vezes maior**² que o índice mínimo para a violência ser considerada epidêmica”, (SOUZA, 2013)³ e em estudo realizado pela ONG Mexicana *Seguridad Justicia y Paz* que estabelece o ranking das 50 cidades mais violentas do mundo, Curitiba ocupa a 42ª posição em 2012 (ORTEGA, 2013, p. 4) e a 39ª em 2011. (ORTEGA, 2012, p. 5)

Trevisan aborda esta falta de segurança no conto *Uma vela para Dario*, no qual a personagem – que não é curitibano – não encontra aqui esta sensação nem em seu leito de morte. Muitos curiosos cercam Dario, mas nenhuma pessoa preocupada em dar um destino

² Grifo do próprio autor.

³ Texto disponível na Revista Exame online. Não há paginação.

digno ao falecido. “Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança”. (TREVISAN, 1992, p. 20)

Na crônica *O paraíso de Fernandinho*, Snege ironiza a segurança enclausurada dos condomínios fechados e a estranheza do curitibano típico frente à “falta de violência” destes locais. Em uma visita a um destes paraísos, o amigo avisa que “não precisa chavear o carro; pode inclusive deixar os vidros aberto” (SNEGE, 2000, p. 33b) em um contraste brutal com a realidade das ruas em Curitiba. Para *curitibanizar* este paraíso idílico – e assim liquidar esta sensação de não estar em casa – Snege sugere que

Deixaria entrar dois ou três trombadinhas; o velhinho à sombra do plátano seria um ótimo teste de estreia para eles. Em seguida, transformaria a casa diante da qual o tal sujeito lava o Vectra num boteco apinhado de bêbados. Um carro com policiais atirando podia muito bem substituir a moça de patins. Os garotos das bicicletas seriam surpreendidos por um ladrão de bicicletas, que invadiria o condomínio na garupa de uma moto.

O casal de namorados seria arrancado de seu idílio pela chegada intempestiva de um terceiro elemento: o noivo traído, querendo resolver a questão a faca. Nessa altura, explodiria uma terrível briga de cães; a senhora que pastoreava seu cãozinho precisaria de no mínimo quinze pontos para suturar um talho na perna. Para completar o clima de normalidade, Fernandinho discutiria com o vizinho e enfiaria a furadeira ligada em seu umbigo. (SNEGE, 2000, p. 35b)

Após a normalidade ser estabelecida, Snege finaliza – ironicamente – indo “tranquilamente embora sem *se* dar conta do roubo do *seu* toca-fitas”. (SNEGE, 2000, p. 35b)

4

Esta clara crítica à violência instalada na capital já no fim da década de 90 – a crônica foi originalmente publicada em outubro de 1998 – continua atual após quinze anos, revelando a incapacidade das gestões públicas em resolver a questão. Todavia, esta violência explícita parece não abalar o mito construído e alimentado incessantemente há mais de quatro décadas. A ONU – Organização das Nações Unidas – elege anualmente as melhores cidades brasileiras para se viver, e Curitiba está sempre marcando presença na lista, sendo a 10^a colocada no ano de 2013. (PRATES; PREVIDELLI, 2013)⁵ E sobre as avaliações da ONU, Trevisan rebate:

Uma das três cidades do mundo de melhor qualidade de vida
depois ou antes de Roma?

⁴ Grifo meu, para ajustar ao texto.

⁵ Texto disponível na Revista Exame online. Não há paginação.

segundo uma comissão da ONU
ora o que significa uma comissão da ONU
não me façam rir curitibocas
nem sejamos a esse ponto desfrutáveis
por uma comissão de vereadores da ONU. (TREVISAN, 1992, p. 86)

Para se conhecer efetivamente uma cidade não basta algumas visitas de alguns dias, é necessário viver, fazer parte dela, usufruir de tudo o que ela oferece no que diz respeito a transporte urbano, habitação, facilidades. Passar alguns dias e ver apenas o seu lado positivo confere uma imagem equivocada, como bem sabe Trevisan e Snege. Este também demonstrou sua insatisfação com estas avaliações feitas por estrangeiros que em nada conhecem a cidade: “O oba-oba em torno da cidade, uma das três melhores do mundo para se morar, de acordo com um gaiato norte-americano que passou uns dias aqui jantando no Ille de France. ‘Butiatuvinha? What is this?’”. (SNEGE, 2001, p. 2f)

Mas como é possível uma cidade com tão profundos problemas de segurança ser apontada, simultaneamente, como um dos melhores locais para se viver e uma das cidades mais violentas no mundo? Esta questão intriga a todos que se propõem a estudar – ou até mesmo compreender – melhor as incongruências presentes no passado e presente da capital paranaense. É fato que tal dicotomia não é de interesse político, afinal foi graças ao êxito de seus governantes – mais especificamente do governo Lerner – que a cidade alcançou a imagem que agora ostenta. Dennison de Oliveira discute mais a fundo esta ideia, e talvez sua suposição seja a melhor resposta que se pode ter até o momento: “Tal imagem se mantém não contestada por nenhum setor dominante precisamente porque ela é a que atende melhor ao ocultamente dos jogos de interesses aqui desenvolvidos”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 184)

3 CAPITAL ECOLÓGICA X PROBLEMAS AMBIENTAIS

Bom dia, Curitiba – ó vaca mugidora que pasta os lírios do campo e semeia fumegantes bolos verdes de sonho. (TREVISAN, 1992, p. 32)

Ao se pensar em uma cidade razoavelmente jovem – Curitiba completou 320 anos em 2013 – que ostenta o título de Capital Ecológica, é inevitável não a associar com soluções ambientais no que diz respeito a saneamento, coleta de lixo e minimização dos efeitos da poluição. Imagina-se uma cidade com rios limpos e cheios de vida; muita área verde; toda a população tendo acesso à rede de esgoto e tratamento de água; ar puro que não apresenta riscos de doenças respiratórias aos habitantes; coleta e correto descarte dos resíduos; etc. A realidade, no entanto, é um tanto quanto diferente quando se conhece a verdadeira cidade, livre da maquiagem da propaganda e dos holofotes da televisão. Dennison de Oliveira ressalta que “os problemas ambientais são os mais visíveis”, e perceber tais problemas é possível para qualquer um com olhar mais atento.

Mesmo dentro da ‘capital ecológica’ se encontram fontes pesadas de poluição, as quais colocam a qualidade do ar de Curitiba em níveis muito abaixo de bairros centrais da capital paulista ou da vizinha cidade de Araucária – na qual se localiza o essencial da nossa indústria petroquímica. Os agentes poluidores, nesse caso, são as próprias indústrias, os veículos automotores e a maioria da frota de coletivos – 63% deles com emissão de poluentes muito acima do permitido. Mesmo a tão propalada política de recolhimento do lixo reciclável, que projetou a cidade internacionalmente, tem um alcance e uma importância menor do que pretende a propaganda oficial. Apesar do seu caráter universalizante, a retórica oficial reconhece a contragosto que somente 10,5% do lixo recolhido é separado. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 180)

Estes dados estatísticos recolhidos por Oliveira contrastam com a cidade da suposição, sendo inclusive incongruentes com o título que ostenta. Acerca da coleta de resíduos sólidos urbanos é importante ressaltar que apenas no final de 2010 o Aterro Sanitário da Caximba teve suas atividades encerradas, após mais de vinte anos recebendo diariamente toneladas de resíduos provenientes de cerca de vinte municípios, além da capital. A questão da correta separação e descarte dos resíduos continua a procura de uma solução efetiva e ecologicamente correta. Na crônica *Minha vidinha de cachorro*, Snege relatou a trajetória de um cão abandonado por seus donos, e o destino final deste – que é a realidade de muitos – foi o aterro

sanitário, mostrando a falta de preocupação e cuidado com o que é descartado neste espaço. Cabe aqui transcrever as últimas linhas desta crônica, que retrata dois grandes problemas da ‘Capital Ecológica’: o descarte de resíduos e o abandono de animais. “Assim termina o protesto de Tarugo, o Breve, que jaz sob toneladas de lixo no Aterro Sanitário desta mui ecológica e humana Cidade de Curitiba, amém”. (SNEGE, 2000, p. 47) Vale lembrar que até 2005 os animais encontrados nas ruas de Curitiba eram recolhidos pela carrocinha e encaminhados ao CCZ – Centro de Controle de Zoonoses – onde ficavam por três dias. Após, era sacrificados. Esta prática, no entanto, não desapareceu por completo.

A construção da CIC – Cidade Industrial de Curitiba – teve como intuito assegurar o desenvolvimento da capital e atrair investimentos industriais, e priorizou as indústrias com soluções ecológicas e não poluentes. Aos demais empreendimentos, aqueles rejeitados por seu caráter não ecológico, restava instalar-se nos municípios vizinhos pertencentes à região metropolitana. Desta forma “de pouco ou nada adianta o poder local se vangloriar do caráter não poluente das indústrias instaladas na CIC, se os descapitalizados municípios vizinhos permitem e/ou estimulam a implantação de todo e qualquer empreendimento industrial dentro de suas divisas”. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 179) Sobre este assunto, Dennison de Oliveira ainda diz que

aos municípios vizinhos se dirigem todas as mazelas e problemas cujo ingresso foi vetado na capital. Isso se dá não só no caso da localização de atividades industriais perigosas ou incômodas, mas também do lançamento de novos loteamentos clandestinos e irregulares, com todo o cortejo de problemas que eles sofrem e provocam. Dentre estes últimos merecem destaque a perda dos mananciais e das reservas de água, através da contaminação de esgotos e lançamento de lixo doméstico. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 179)

Sobre as indústrias instaladas em Curitiba e região metropolitana há ainda outro fator que é a poluição sonora. O grande número de instalações, associado com o crescimento descontrolado da população instalada no entorno dessas resultou em um incômodo para os habitantes, inclusive para Snege que afirmou ser este problema uma das coisas que incomodam em Curitiba: “O barulho ensurdecedor das 300 mil fábricas que o governo implantou no estado, cujo eco, dependendo do vento, dá para se ouvir até com o televisor desligado”. (SNEGE, 2001, p. 2f)

A região metropolitana exerce ainda um papel fundamental no desenvolvimento de Curitiba, abrigando diversos mananciais e fontes da água consumida diariamente pela

população curitibana. As principais barragens que armazenam água para abastecer o Município são “a do Irai, a do Piraquara e a do Passaúna [...] e o sistema de abastecimento de água de Curitiba pertence à bacia do Alto Iguaçu, que está interligado com outros seis municípios da Região Metropolitana de Curitiba”.⁶ Entretanto, embora exista uma grande quantidade de recursos hídricos – na região de Curitiba existem cerca de 400 nascentes e cada rio possui de 130 a 135 afluentes, e por sua vez cada afluente é formado por três ou mais córregos – “o crescimento da cidade faz com que a qualidade destes rios esteja muito comprometida”,⁷ ao que os técnicos do IAP – Instituto Ambiental do Paraná – concluem:

A poluição encontrada nos rios da Região Metropolitana de Curitiba é predominantemente de origem orgânica, causada por esgotos domésticos não tratados ou tratados com baixa eficiência. A poluição industrial ocorre, mas em menor nível – grandes empresas têm métodos modernos e eficientes de tratamento, porém as pequenas empresas (de fundo de quintal), geralmente não-licenciadas (clandestinas), é que geram a maior poluição. É comum a detecção de metais pesados, que podem ser provenientes de galvanicas, e outras tipologias, como óleos (comumente de postos de combustíveis), surfactantes ou sabões provenientes de lavanderias, lava-car, fábricas de detergente de fundo de quintal, entre outros. (IAP. 2009)

Dentre os inúmeros rios e córregos que se entrelaçam sem preocupação com os limites geográficos e políticos de Curitiba, um se destaca na obra de Trevisan, sendo incansavelmente lembrado pelo escritor que parece o ter elegido como o seu preferido: o rio Belém – único rio que não ostenta um nome de origem indígena, mas que recebeu um nome português, assim como seu afluente Ivo, como forma de demarcar o território dos recém-chegados.⁸ O Belém está presente em inúmeros contos de Trevisan e com as mais diversas conotações. Em *Pensão Nápoles* está associado à falta de perspectiva da personagem, que por mais que almeje não consegue separar-se do rio. “A salvação era casar, escapular para o outro lado da cidade, onde o rio não chegasse”, (TREVISAN, 1992, p. 11) pois junto com o rio vem a enchente, a lama, os sapos, o barro amarelo que nunca mais sai das unhas. Há, porém, compaixão com o rio, o reconhecimento de seus dias de glória quando, com a cidade ainda na condição de província, abrigava lambaris em suas águas. “A prefeitura ignorava-lhe o curso subterrâneo; rio de pobre, não fora o Belém, com que água as mães dariam nos piás o banho de sábado?”

⁶ CURITIBA. Governo do Estado do Paraná. Recursos Hídricos. Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/multimidia/00085317.pdf>> Acesso em 30 dez. 2013.

⁷ CURITIBA. Governo do Estado do Paraná. Recursos Hídricos. *Op cit.*

⁸ CURITIBA. Governo do Estado do Paraná. Recursos Hídricos. *Op cit.* P. 34.

(TREVISAN, 1992, p. 11) Outras personagens que dão a este rio a sua importância estão presentes em *Cemitério de Elefantes*, no qual Trevisan afirma que “à margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes”. (TREVISAN, 1992, p. 25) E aqui se tem a dualidade do rio cheio de vida (peixes) e morte (o rio é também o cemitério dos bêbados). Esta dicotomia acerca da imagem da cidade é analisada por Waldman, que afirma que “a maneira como Curitiba é representada na obra de Dalton Trevisan caracteriza esse duplo movimento. Ela é o útero que é túmulo. Contramovimento. Silêncio. Mas todos estão atados a ela”. (WALDMAN, 1982, p. 78a) Talvez este amor – ou quem sabe insistência – pelo rio Belém se dê pelo fato de ser este o “mais curitibano dos rios, pois ele nasce e morre dentro da cidade”. (IAP, 2009, p.34) O rio, entretanto, já não abriga os saudosos lambaris do rabo vermelho, lembranças de uma Curitiba existente apenas na memória de poucos. Dados do IAP de 2009 apontam as águas do Belém como extremamente poluídas, sendo o principal fator a “deficiência de esgotamento sanitário, resíduos sólidos e ocupações desordenadas e irregulares”. (IAP, 2009, p. 51) Fica então a lembrança, e as palavras do engenheiro químico Radamés Manosso para com o Belém:

Rio Belém/ que já correu solto,/ como um jorro,/ como um potro./ Do Rio Belém,/ agora o que se tem?/ Nem um litro/ de água clara no museu./ Nem um peixe seu/ empalhado por zoólogo./ Nem endereço/ de alguém que lembre/ de quando,/ afogado em si,/ morreu o Rio Belém.

Rio Belém,/ que já matou sede,/ que já foi claro,/ que já deu peixe./ Rio Belém,/ agora retificado,/ reprimido,/ estuprado,/ escondido.

Rio Belém,/ que desgosto,/ rio esgoto,/ rio morto./ Rio Belém./ Adeus./ Amém.
(MANOSSO)⁹

É também importante ressaltar que, na Capital Ecológica, o índice de atendimento de coleta de esgoto é de 94%, segundo dados da Sanepar. Contudo, o trabalho da Sanepar não impede que a cidade sofra com o despejo de esgoto clandestino. Desta forma, o Belém – rio que mais sofre com tais despejos – e os outros rios da cidade sofrem com a carga poluente que recebem diariamente, sendo transformados em esgotos a céu aberto, alguns canalizados, outros não, uns visíveis a quem passa, outros conduzidos por galerias subterrâneas. Como já disse Trevisan, “o que fica da Curitiba perdida/ uma nesga de céu presa no anel de vidro/ o cantiquinho da corruíra na boca da manhã/ um lambari de rabo dourado faiscando no rio Belém/ quando havia lambari quando rio Belém havia”. (TREVISAN, 1992, p. 90) Ou então,

⁹ Poema disponível online, porém sem data.

a “rica fauna dos rios que banham Curitiba: peixe-pneu, peixe-sofá, peixe-saco (de lixo) e às vezes até um pobre lambari com conjuntivite”. (SNEGE, 2001, p. 2f)

4 SOCIEDADE E CULTURA: CÁRCERE OU LAR?

Minha Curitiba é um cão ladrando para a lua da memória. E o único bonde que temos está parado. Não vai a lugar nenhum. (SNEGE, 2000, p. 64b)

Diante do discurso oficial e dos holofotes direcionados para a cidade de Curitiba, é compreensível que muitos habitantes ostentem orgulho de aqui residirem. Há, entretanto, uma parcela que sempre remarará contra a corrente. Dennison de Oliveira ressalta que com uma

análise objetiva das reais condições da malha urbana e dos méritos – supostos ou reais – das realizações operadas pelos planejadores urbanos desde os anos 70 irá se deparar com inúmeras manifestações e fenômenos de todo incompatíveis com a imagem que se projeta da cidade.” (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 14)

Entre os inconformados estão os escritores aqui abordados e os habitantes que conseguiram ultrapassar a luz potente dos holofotes e enxergar as reais condições da cidade; aqueles que não apoiavam de todo o governo da época, tendo como uma das causas aspirações políticas e partidárias. “O fator catalisador no processo de deslanche de um novo plano diretor para a cidade deu-se no início da década de 60”, (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 73) quando o país atravessava o conturbado período da Ditadura Militar, e “Jaime Lerner fazia parte do grupo de jovens arquitetos sediados no IPPUC e filiou-se à ARENA, para ser indicado prefeito de Curitiba, no momento do Milagre Brasileiro, e transformar a cidade em símbolo de um Brasil viável”. (BONI, 2001, p. 7) Cristovão Tezza ressalta que

a construção da nova cidade sofreu também a polarização da época militar – eticamente, sempre foi muito difícil para a minha geração aceitar qualquer coisa que representasse a ditadura, e os governos Lerner tinham esse estigma histórico. O que, de certa forma, abriu ainda mais o fosso entre a “cidade oficial” e os cidadãos. (TEZZA, 2003b)

É, contudo, inegável que Lerner desponta como um dos melhores gestores públicos de Curitiba – basta atentar que “a lista de elogios e referências positivas sobre as administrações de Jaime Lerner é praticamente interminável, tanto em nível nacional quanto internacional”

(OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 176) – e ao fato de ter sido prefeito por três gestões: 1971-1975, 1979-1983, 1988-1992.

No entanto para a sociedade curitibana estas transformações significavam sair da sua letargia provinciana e penetrar no primeiro mundo pela porta da frente. Nesta nova cidade, modelo, espetáculo, novos códigos de comportamento foram estabelecidos, novas normas sociais determinadas [...]. (BONI, 2001, p. 8)

Contudo, uma cidade não é constituída apenas de ruas, prédios, parques, rios. Uma cidade – qualquer que seja – não é nada sem aqueles que a fazem um organismo vivo e que, diariamente, transformam-na – sejam tais transformações boas ou ruins. E ao pensar na sociedade curitibana nada é mais questionável do que o comportamento autofágico que rege o modelo cultural na cidade.

Curitiba deveria ter vida intelectual e artística, cultural e criativa, muitas vezes mais intensa do que essa vida vegetativa que aí está. (LEMINSKI, 2012, p. 163)

Temos tudo. Que nos falta para estarmos, culturalmente, à altura das facilidades que a cidade proporciona? (LEMINSKI, 2012, p. 165)

A falta de produção cultural em Curitiba é abordada pelo poeta Paulo Leminski como uma decorrência do intenso movimento migratório e consequente crescimento populacional, que povoou a cidade com as mais diversas etnias. Para Leminski é justamente a “falta de raízes, de verticalidade, de profundidade no tempo [...] do substrato de cultura popular sob o chão” (LEMINSKI, 2012, p. 165) que sustenta a falta de produção cultural à época.

Sem esse húmus popular, com suas formas, tradições e hábitos simbólicos herdados, a classe média, sozinha, não parece capaz de gerar cultura própria, autônoma e com força para se afirmar, em produtos de novidade, intensidade ou beleza, capazes de rivalizar com os similares de outras terras, com maior presença popular.

Nossa escassez cultural é apenas o outro lado da nossa plenitude de bens materiais. (LEMINSKI, 2012, p. 165)

O poeta acrescenta que “o Paraná moderno começa com os imigrantes. Gente pragmática. Pirada em trabalho. Calvinista. Amante da ordem. Zelosa da propriedade. Gente voltada para resultados práticos. Palpáveis”. (LEMINSKI, 2012, p. 164-165) A nova população curitibana estava concentrada em produzir, porém “uma infraestrutura propícia não

gera, automaticamente, superestrutura rica e produtiva”. (LEMINSKI, 2012, p. 163) Em decorrência deste pensamento as artes foram relegadas ao segundo plano, sendo produzida apenas “em resposta a uma grande carência”, (LEMINSKI, 2012, p. 164-165) carência esta ainda mais evidente pelo fato de a produção cultural nacional ser dominada pelo eixo Rio – São Paulo.

Não obstante deve-se notar que esta falta de produção cultural a que Leminski se refere não significa, necessariamente, que o Paraná, e mais especificamente a capital Curitiba, não produziu absolutamente nenhum tipo de cultura. O próprio Leminski está inserido no rol dos artistas curitibanos, juntamente com os escritores aqui utilizados, Dalton Trevisan, Jamil Snege, além de Cristovão Tezza, para ficarmos apenas na literatura. Esta falta de cultura local, na realidade, remete aos cidadãos curitibanos, que não são bons apreciadores de seus conterrâneos. Tezza comenta que “a autofagia é a nossa marca folclórica, por assim dizer. Já é praticamente nosso produto de exportação!”, (TEZZA, 2003b) contudo esta ‘marca’ em nada engrandece a cidade, sendo um contraponto à outra ‘marca’, aquela sonhada por Lerner ao investir massivamente no *citymarketing*.

Um exemplo claro desta autofagia pode ser visto na crônica *Como tornar-se invisível em Curitiba*, de Jamil Snege, que dá título à sua obra aqui abordada. A ironia do cronista e publicitário relata tão precisamente o despreço do curitibano pela produção local que vale ser transcrito aqui um trecho desta:

Primeira condição: você precisa ter um talento genuíno. Estudar bastante também ajuda, mas não substitui aquele toque de gênio inconfundível que marca e distingue certas pessoas desde o berço. Pois bem. De posse desse talento que Deus lhe deu – e contra a falta de estímulo da família, do meio e particularmente da própria cidade – você deve se atirar de corpo e alma na consecução de seu destino. [...] Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. E é muito fácil perceber isso. Primeiro, não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento. Tudo farão para reconduzi-lo de volta à mediania, ou melhor, à mediocracia, que é o sistema vigente nesse estrato a que denominamos cultura. [...] Se mesmo assim você se mantiver fiel ao seu daimon, à sua lenda pessoal e não arredar o pé de seu destino, a invisibilidade torna-se então um processo irreversível. (SNEGE, 2000, p. 9-11)

Esta questão da falta de visibilidade foi retratada por Snege em diversos momentos, das mais irônicas maneiras. A crônica *Meus cabelos longos e lindos*, por exemplo, fala de um homem até então careca, e que sem razão aparente voltou a ter cabelo. O ponto aqui é o fato

de nenhum dos amigos ou conhecidos reparar nesta mudança nada sutil. A personagem até se pergunta: “Bem, se um estranho não só constatou-me a cabeleira, mas tratou dela e elogiou-a, o que levou, então, meus amigos a ignorá-la?” (SNEGE, 2000, p. 61) E apenas para ter certeza, “antes de voltar para casa, bem tarde, entreguei-me à roda de todos os amigos e conhecidos que me ocorreram. Ninguém notou nada de extraordinário. À exceção do último, que – insistiu – achou-me muito abatido”. (SNEGE, 2000, p. 61) Esta invisibilidade a que se refere o escritor é facilmente percebida nesta cidade “cheia de pessoas invisíveis”. (SNEGE, 2000, p. 9-11)

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Paraná Pesquisas 99,1% dos 2550 entrevistados não souberam citar um único autor nascido na terra das araucárias. Ninguém se lembrou do ‘maior contista vivo’, Dalton Trevisan; nem do ganhador dos mais importantes prêmios da literatura nacional, Cristovão Tezza; e o escritor que fulgura na lista dos mais vendidos de 2013 com a coletânea *Toda Poesia*, Paulo Leminski, foi lembrado por míseros 0,4% dos entrevistados. (CASTILHO, 2013)¹⁰

E quando por ventura um artista local consegue visibilidade em sua própria casa é por ter sido reconhecido, primeiramente, fora da província, e só então ele torna-se merecedor da atenção dos seus conterrâneos. Após décadas no meio literário – e tendo sido docente na Universidade Federal do Paraná – Tezza começa a ser reconhecido apenas após inúmeros prêmios de grande importância literária e traduções em diversas línguas. Ele estava certo ao afirmar que “é preciso que o sujeito passe pela via sacra, carregue a cruz, leve chibatadas, descubra na carne que a vida não é festa, para só então ser festejado”. (TEZZA, 2003b) Embora mesmo assim continue a não ser facilmente lembrado, conforme revela a pesquisa citada acima.

É importante mencionar que esta invisibilidade levantada por Snege não é, contudo, uma escolha pessoal do escritor, e acerca disso Machinski discorre de maneira clara e sucinta:

Jamil nunca impôs barreiras intransponíveis entre si e seus leitores, não se recusou a dar entrevistas, a participar de encontros e debates ou, até mesmo, a atender os estudantes que iam procurá-lo para colher depoimentos para seus trabalhos escolares. A invisibilidade do autor não pode ser atribuída a um comportamento particular que exigiu esforços para manter a condição de anonimato, para esconder sua imagem e fugir de todas as possibilidades de aparição pública como é o caso, por exemplo, de Dalton Trevisan, conterrâneo e colega de Snege. (MACHINSKI, 2011, p. 9)

¹⁰ Texto disponível no site do jornal Gazeta do Povo. Não há paginação.

É certo que Snege publicava tiragens pequenas, em editoras locais, muitos destes exemplares reservados a amigos e leitores fiéis. Esta atitude, no entanto, pode ser encarada como “um ato de respeito a si próprio enquanto artista e, mais que isso, em respeito a sua própria arte”. (MACHINSKI, 2011, p. 12) O próprio Snege afirma ter jamais enviado qualquer original para as editoras e ter sempre seguido fora do circuito comercial da literatura, custeando ele próprio os seus livros e sem ter tido retorno financeiro. (SNEGE, 1994, p. 227) Para Tezza, Snege é considerado “o publicitário brilhante que não fez publicidade de sua própria obra” (MACHINSKI, 2011, p. 13) e aqui há de se reconhecer que não foi por falta de talento, mas por escolha própria, já que sua intenção era escrever por prazer, e não pelo retorno financeiro – se fosse esta a sua intenção poderia facilmente alavancar a venda de sua literatura. Snege, assim como muitos artistas, encarava sua arte como um processo que envolve gozo, sofrimento, dúvida, satisfação, e tais características não podem estar atreladas a compromissos de datas, temas, padrões e convenções editoriais, ou deixam imediatamente de ser arte e passam a ser simples consumo. É provável que seja baseado neste pensamento que o escritor afirmou: “pago para escrever o que quero com o que ganho para escrever o que não quero”. (SNEGE, 1994, p. 227)

Machinski complementa comentando sobre a crônica *A arte de tocar piano de borracha*, escrita por Snege em resposta a uma acusação da inexistência da literatura paranaense, na qual o cronista expõe a deficiência audiovisual do setor cultural de Curitiba: “a historinha retrata com alguma maldade a nossa velha Curitiba de guerra. Um piano de borracha à sombra dos pinheirais. Se você quiser tocar, pode. Mas não vá exigir que alguém escute. Ninguém viu, ninguém ouviu e quem viu fingiu que não viu.” (SNEGE, 2000, p. 73) Para o cronista, o sistema vigente da cultura curitibana é a mediocracia, não sendo aceito pela sociedade que se vá muito além deste ponto. (SNEGE, 2000, p. 9)

Conhecendo o mercado literário ao qual fazia parte, Snege utilizou de maneiras irônicas para lançar seus livros, com o intuito de chamar a atenção justamente para esta lacuna cultural que predomina em Curitiba. Um exemplo foi o texto publicado na Gazeta do povo em março de 1999, intitulado *Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso*:

Ficcionista, 1,75, texto perfeito, razoavelmente bem dotado, experiente, ambos os sexos, inclusive casais. Satisfação estética garantida ou seu dinheiro de volta.

Esse é o anúncio que fiz para chamar a atenção sobre a minha novela *Viver é prejudicial à saúde*, já nas principais livrarias de Curitiba. Pois também ela corre o risco de ficar escondida atrás de um par de nádegas, que é o que mais abunda neste país. (SNEGE, 1999 p. 6e)

Além do caráter irônico, Snege também aponta para a falta de consumo de literatura de qualidade, afirmando que

O paranaense é um grande comedor de picanha e um péssimo consumidor de livros. [...] Raramente um bom livro, de um bom autor, vende mais que 300 exemplares no Paraná inteiro. E se vender muito mais do que isso, digamos mil, dois mil exemplares, podem crer que não se trata nem de um bom livro, nem de um bom escritor. [...] O consumidor dificilmente fica sabendo dos bons livros, escritos por autores locais, lançados no Paraná e no resto do Brasil. (SNEGE, 1999 p. 6e)

A questão cultural não foi ponto esquecido por Lerner na confecção da sua cidade-modelo. Desde 1971, data da criação da Fundação Cultural de Curitiba, este aspecto já estava sobre cuidados, e durante a segunda gestão esta área ganhou mais importância. (OLIVEIRA, D. de, 2000, p. 54) Embora não se possa dar à Fundação os créditos que, em tese, deveria receber, pois como confessa Tezza, “nunca conheci um curitibano da área cultural (exceto os funcionários da Fundação) que em algum momento não reclamasse de que a Fundação Cultural na verdade era também só para inglês ver e que os artistas locais estavam às moscas”. (TEZZA, 2003a)

Esta realidade pode ser afirmada com base no extinto evento *Perhapiness*, que anualmente celebrava a memória do poeta Paulo Leminski. Tezza recorda que na edição de 2003 foram convidados cerca de quinze nomes importantes de fora e apenas dois nomes de Curitiba para participar da série de debates, e que

pensando bem, é uma boa política: os grandes nomes voltarão falando maravilhas de Curitiba, e os dois curitibanos continuarão a falar mal da cidade, como sempre. Se convidassem 15 curitibanos e dois estrangeiros, o encontro seria massacrado pelos próprios palestrantes, com apenas dois elogiando lá fora. (TEZZA, 2003a)

O escritor finaliza falando acerca do Festival de Teatro, uma iniciativa privada muito bem sucedida em nível nacional e que tem o apoio da Fundação Cultural. Tezza afirma que “jamais *conversou*¹¹ com um ator ou diretor local que, em algum momento, não criticasse o festival por se sentir aliado da festa, fartamente elogiada no resto do Brasil e até do mundo”. (TEZZA, 2003a)

¹¹ Grifo meu, para ajustar ao texto.

Esta lacuna nas produções culturais do estado também está presente no meio acadêmico, ao qual Mendes afirma que “o silêncio que permeia a produção artística local costuma invadir as salas de aula no momento de se estabelecer referências teóricas e imagéticas.” (MENDES, 2009, p. 337) Basta uma breve leitura da bibliografia abordada nas escolas de Ensino Médio e graduações na área de Letras situadas em Curitiba para comprovar que a literatura paranaense não é abordada pelo corpo docente – salvo exceção para, em raros casos, Dalton Trevisan – o que resulta em novas gerações de desconhecedores da sua própria identidade. Como já – ironicamente – questionava Leminski, “sem raízes e sem carências, que fazer?” (LEMINSKI, 2012, p. 166)

Talvez seja esta a razão de Trevisan dedicar-se com tanto afincamento às suas personagens invisíveis – em uma cidade de talentos invisíveis, nada mais palpável que estender tal condição às personagens. Miguel Sanches Neto, professor, crítico literário e estudioso da obra de Trevisan, ressalta que

a sociedade sempre aparece, nos contos de Trevisan, como ausência. Ela é o outro lado da margem, espaço em que os personagens não podem estar por algum tipo de comportamento indesejado: sexualidade (reprimida ou exacerbada), bebida, vergonha, pobreza, doença, obesidade... O provincianismo curitibano, de uma Curitiba que faz divisa com a roça, marca as relações sociais, criando um clima opressor. (SANCHES NETO, 2004)¹²

Ao se lançar um olhar aos contos de Trevisan constata-se esta condição de ausência e invisibilidade, sendo as narrativas protagonizadas por personagens que vivem à margem da sociedade presente no discurso oficial. Os homens e mulheres comuns que povoam seus contos estão ali para comprovar que o homem é “produto de uma história sobre a qual não tem controle, embora seja ele quem a faça ainda que não livremente. [...] indivíduos isolados contemplam como sua vida se reduz à pura trivialidade do repetitivo”. (WALDMAN, 2007, p. 251c) É por meio destas personagens menores que o contista vai construir “histórias que, longe de apontar para um futuro promissor (aposta do novo homem paranaense), figuram destinos fechados sobre si mesmos, seres isolados em suas obsessões e suas vidas estéreis”. (NASCIMENTO, 2013, p. 144) Assim Trevisan acaba “optando por oferecer uma visão negativa de nossa história, aquilo que ela tem de falho, sofrido, desastroso, segmentado e seriado, enfim, pondo em cena a própria dissolução do mundo”. (WALDMAN, 1982, p. 3a) Desta forma o contista consegue ir de encontro e contestar a imagem divulgada pela mídia e

¹² Texto disponível online. Não há paginação.

pelo poder público, mostrando as mazelas de uma cidade que cresceu muito rapidamente e não teve tempo para respirar e verificar se tal crescimento estava, realmente, dentro do esperado e planejado pelos órgãos competentes. Conforme afirma Tezza “[...] o que Dalton diz, em cada texto que escreve, é que não há salvação possível na face da terra” (TEZZA, 2003a) que não há salvação para Curitiba, que esta cidade jamais voltará a ser a província rural na qual o contista viveu sua infância e juventude. Este aspecto fica ainda mais evidente em *Lamentações de Curitiba*, no qual “a cidade é apresentada como o espaço sagrado que foi profanado pelos seus habitantes”. (NICOLLATO, 2002, p. 91a)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou abordar as diferentes representações criadas em torno da capital do Paraná. De um lado têm-se a imagem construída pelo discurso político e largamente divulgada pela mídia, responsável pelos conhecidos títulos de Cidade Modelo, Capital de Primeiro Mundo, Capital Ecológica, entre outros. Estes títulos, que perduram nos dias de hoje, projetaram para o Brasil e para o mundo uma imagem extremamente positiva da gestão urbana e gerou o crescente interesse pela experiência de Curitiba no que diz respeito ao planejamento urbano. Do outro lado, têm-se a cidade cantada pelos escritores locais, alguns deles nascidos em Curitiba e outros que a escolheram como lar e protagonista em sua literatura. Aqui se tem a capital livre da maquiagem publicitária, tendo os seus diversos problemas – sejam eles de caráter ambiental, social ou cultural – escancarados para quem os quiser saber. Os escritores aqui abordados, munidos de criatividade e inquestionável talento literário, utilizam-se das mais diversas formas para confrontar o mito criado em torno de Curitiba, revelando uma cidade já conhecida pelos curitibanos, porém estranha aos turistas – estranheza esta mostrada com maestria por Roberto Gomes na crônica *Aquele primo visita Curitiba*.

Ao pensar em Curitiba, nada é mais forte que a imagem da Cidade Modelo, com o Jardim Botânico e suas árvores como um símbolo desta tão ecológica capital. A realidade, porém, mostra que apesar de ser uma das cidades com o maior índice de saneamento básico e tratamento dos resíduos, Curitiba é permeada de rios com péssimos índices de qualidade de suas águas, devido à carga forte poluente que recebem. O rio Belém, único rio que nasce e morre dentro dos limites do município, encontra-se praticamente morto. Se algum dia lambaris de rabos vermelhos habitaram estas águas, eles agora só podem ser encontrados na memória de Dalton Trevisan.

O mito da autofagia curitibana, constantemente lembrado nos textos de Snege, mostra uma sociedade fria em relação ao talento de seus conterrâneos. Leminski defende a visão de uma cidade sem raízes e sem cultura, entretanto o aspecto cultural está presente na cidade, vide exemplo do Festival de Teatro de Curitiba. O ponto seria não a falta de cultura, mas sim a falta de reconhecimento para qualquer produção curitibana, o eterno complexo de inferioridade, aplaudindo as produções internacionais e do eixo Rio/SP e desprezando a

produção local. Talvez a falta de conhecimento de sua própria história e a migração massiva sofrida a partir da década de setenta sejam um dos responsáveis por esta autofagia.

A realidade é que Curitiba tem filhos de imensurável talento, nas mais diferentes áreas. No aspecto literário, abordado neste trabalho, alguns curitibanos premiam a todos com sua literatura de excelente qualidade, como é o caso de Dalton Trevisan, Paulo Leminski, Cristovão Tezza, entre muitos outros. A obra destes senhores é facilmente encontrada em livrarias e sebos, não sendo, então, desculpa para o silêncio que permeia os curitibanos quando questionados acerca de nomes da literatura local. O mesmo não se pode dizer de Jamil Snege, apesar de premiado publicitário e colunista de um dos jornais mais lidos pelos curitibanos, seus livros são como pedras preciosas dificilmente encontradas. Este fato deve-se, entretanto, exclusivamente ao desejo do próprio Snege, que não aceitou ser editado por grandes editoras e preferiu cuidar ele próprio de todo o processo – da criação à distribuição. E esta atitude nada mais foi que uma forma de proteger-se da autofagia curitibana, pois se a sociedade não demonstra interesse em seus conterrâneos, não há motivos para encher as prateleiras das livrarias e diminuir o espaço dos *best sellers* – geralmente autores internacionais e, quando nacionais, de qualidade duvidosa, como já dizia Snege.

Uma possível solução para esta falta de visibilidade é a inserção da literatura paranaense no currículo escolar e universitário, fazendo com que os autores sejam devidamente conhecidos e lidos. Somente com o passar das gerações é que os resultados poderiam ser vistos, porém a espera é válida, considerando a qualidade das obras produzidas pelos autores locais. É também válido lembrar que uma sociedade precisa conhecer sua história, e a literatura é fundamental para este processo.

É, entretanto, impossível separar as diferentes imagens de Curitiba e escolher apenas uma para representá-la. Curitiba jamais será unicamente a Cidade Modelo que Jaime Lerner tanto almejou, ou a Cidade dos contrastes sociais, da poluição, da autofagia e todos as mazelas cantadas pelos escritores abordados, ou mesmo o idílio rural da Curitiba provinciana da memória de Dalton Trevisan. A cidade de Curitiba é, de fato, todas estas, mas jamais será apenas uma destas. O passado que contém não pode ser apagado ou modificado, e a província estará para sempre presente na metrópole, e não apenas na memória de seus mais antigos cidadãos. Da mesma maneira a cidade da propaganda e a cidade das moléstias entrelaçam-se na trama por onde vivem e sobrevivem diariamente seus habitantes. Se por um lado Trevisan a vê como a “Curitiba enjoadinha ufanista / toda de acrílico azul para turista ver”, (TREVISAN, 1992 p. 89) ela também é, para milhares de curitibanos e migrantes, “uma

espécie de paraíso urbano possível, a cidade cultural do Brasil, o grande centro do teatro brasileiro, a cidade ecológica brasileira, a cidade que tem o melhor transporte do mundo, etc”. (TEZZA, 2003a) Desta forma não é possível exaltar uma imagem em detrimento da outra, pois Curitiba, como qualquer outra cidade do mundo, precisa de todas estas imagens para existir, sejam elas positivas ou não.

Tendo como base todas as informações contidas neste trabalho, vê-se que sua importância se dá no sentido de exaltar as diversas imagens criadas em torno da cidade de Curitiba e a compreensão da importância delas como requisito para a existência da cidade tal como ela é. Curitiba é uma cidade modelo, mas também é uma cidade que sofre com a poluição em seus recursos naturais, que possui favelas, pobreza, e uma sociedade não muito preocupada em reconhecer e dar o devido prestígio aos seus concidadãos. Curitiba é nosso cárcere, mas também é lar para todos os que aqui decidirem viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACIA do Rio Belém é a que mais sofre. **Bem Paraná**. 27 dez. 2010. Disponível em <<http://www.bemparana.com.br/noticia/167024/bacia-do-rio-belem-e-que-mais-sofre>> Acesso em 15 fev. 2014.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A busca de Valores Identitários: A memória histórica paranaense**. 2007. Dissertação (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. [Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helenice Rodrigues da Silva]. Disponível em <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/15797/A%20Busca%20de%20Valores%20Identit%C3%A1rios.pdf?sequence=1>> Acesso em 5 out. 2013.

BIONDO, Alexander W. et al. Carrocinha não resolve. **Conselho Regional de Medicina Veterinária do Paraná**. 14 dez. 2007. Disponível em <http://www.crmv-pr.org.br/?p=imprensa/artigo_detalhes&id=36> Acesso em 5 mar. 2014.

BONI, Maria Inês Mancini. Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo: ANPUH. Jul. 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308144742_ARQUIVO_Anpuh2011textocompleto.pdf> Acesso em 5 out. 2013.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/127689218/O-poder-simbolico-Pierre-Bourdieu-pdf>> Acesso em 25 out. 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

CASTILHO, Cristiano. O Paraná que os brasileiros ignoram. **Gazeta do Povo – Vida e Cidadania**. Curitiba, 8 set. 2013. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1406603>> Acesso em 15 out. 2013.

CURITIBA. Governo do Estado do Paraná. Recursos Hídricos. Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/multimedia/00085317.pdf>> Acesso em 30 dez. 2013.

EM Busca do Conto Perfeito. **Cândido** – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, n. 11, jun. 2012.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ROMANO, Evellyn Bernardo Rodrigues. Literatura Outsider para uma cidade estabelecida: A influência do campo literário e do campo curricular na construção do projeto da cidade de Curitiba na década de 1990 e início do século XXI. In: **Línguas e Letras**. v. 12 n. 23. 2º semestre /2011. P. 305-328. Disponível em <<http://e-revista.unioeste/index.php/linguaseletras/article/download/5471/4915>>. Acesso em 22 set. 2013.

GOMES, Roberto. Dados Biográficos. Disponível em <<http://robertoogomes.wix.com/roberto-gomes#!biografia/cxqq>> Acesso em 28 jan. 2014.

HISTÓRIA de Curitiba. **Casa da Memória**. Disponível em <http://www.casadamemoria.org.br/index_links.html> Acesso em 12 fev. 2014.

INSTITUTO Ambiental do Paraná. Monitoramento da qualidade das águas dos rios da Bacia do Alto Iguaçu, na Região Metropolitana de Curitiba, no período de 2005 a 2009. **Instituto Ambiental do Paraná**, Curitiba: IAP, 2009. Disponível em <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/boletins/RELATORIO_AGUA/relatorio_RIOS_2005_2009.pdf> Acesso em 30 dez. 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseio crípticos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LIXO da Grande Curitiba tem novo endereço. **Instituto de Pesquisa em Vida Selvagem e Meio Ambiente**. Disponível em <<http://ipevs.org.br/blog/?tag=aterro-sanitario>> Acesso em 10 fev. 2014.

MACHINSKI, Júlio Bernardo. Às margens do cânone: relendo Jamil Snege. ANAIS DO SILEL. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/757.pdf>> Acesso em 2 out. 2013.

MAFFEI, Cassia Piva; CARVALHO, Jéssica Danielle de. Curitiba, eu (não) te amo: um webdocumentário sobre a produção artística Curitiba. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Disponível em <

<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/expocom/EX35-0901-1.pdf>> Acesso em 21 out. 2013.

MANOSSO, Radamés. **Rio Belém**. Disponível em <<http://radames.manosso.nom.br/poesia/faces/maquina-do-tempo/rio-belem/>> Acesso em 5 fev. 2014.

MENDES, Maria Cristina. Cultura Curitibana: questões de invisibilidade. **Tuiuti: Ciência e Cultura**. 2009, n. 40 p. 337-340. Disponível em <http://www.academia.edu/769098/Ciencias_Humanas_Letras_E_Artes > Acesso em 20 set. 2013.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Dalton Trevisan Uma Lição de Resistência. In: ANDRIOLI, Luiz. **O Silêncio do Vampiro**. Curitiba: Kafka, 2013. P. 137-147.

_____. Dalton Trevisan – Desgracida. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n. 40. Brasília, jul./dez. 2012. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182012000200016&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em 29 set. 2013.

NICOLATTO, Roberto. **Literatura e Cidade** – O universo urbano em Dalton Trevisan. 2002. Dissertação (Mestrado em estudos Literários) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. [Orientador: Prof. Dr. Fernando Cerisara Gil]. Disponível em < <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/24500?show=full>> Acesso em 22 set. 2013.

_____. Dalton Trevisan: Uma voz dissonante nas comemorações dos 300 anos de Curitiba. **Cadernos da Escola de Comunicação** – Unibrasil, n. 2, jan./dez. 2004. P. 140-151. Disponível em <<http://apps.unibrasil.com.br/revista/index.php/comunicacao/article/view/542/460>> Acesso em 22 set. 2013.

_____. Em Busca de Curitiba Perdida: resistência e memória no inventário de Dalton Trevisan. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n. 64. P. 125-141. set./dez. 2004. Disponível em <http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/nicolatto.pdf> Acesso em 22 set. 2013.

O escritor que se fez por si mesmo. **Cândido** – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, p. 20-37, n. 22, maio 2013.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

OLIVEIRA, Márcio de. A trajetória do Discurso Ambiental em Curitiba (1960 – 2000). **Revista de Sociologia e Política**. n. 16, jun. 2001. P. 97 – 106. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a06n16.pdf>> Acesso em 20 dez. 2013.

ORTEGA, José A. San Pedro Sula (Honduras) la ciudad más violenta del mundo; Juárez, la segunda. **Consejo Ciudadano Para La Seguridad Pública y Justicia Penal A. C.** 11 jan. 2012. Disponível em <<http://www.seguridadjusticiapaz.org.mx/biblioteca/view.download/5/145>> Acesso em 30 dez. 2013.

_____. San Pedro Sula otra vez primer lugar mundial; Acapulco, el segundo. **Consejo Ciudadano Para La Seguridad Pública y Justicia Penal A. C.** 07 fev. 2013. Disponível em <<http://www.seguridadjusticiapaz.org.mx/biblioteca/prensa/viewdownload/5/163>> Acesso em 30 dez. 2013.

PAIOL Literário - Roberto Gomes. Disponível em <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/roberto-gomes/>> Acesso em 28 jan. 2014.

PRATES, Marco; PREVIDELLI, Amanda. As 50 melhores cidades do Brasil para viver, segundo a ONU. **EXAME**. 29 ago. 2013. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-50-melhores-cidades-do-brasil-para-se-viver-segundo-onu#11>> Acesso em 30 dez. 2013.

SANCHES NETO, Miguel. **Biblioteca Trevisan**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

_____. O contista ri. **Herdando uma biblioteca**. 1 mar. 2004. Disponível em <http://miguelsanches.com.br/publicacoes/detalhes/514/o_contista_ri#.UxttEvldUXs> Acesso em 2 fev. 2014.

SANEAMENTO é saúde. **Trata Brasil**. Disponível em <<http://www.tratabrasil.org.br/curitiba-18>> Acesso em 15 fev. 2014.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Memórias e Cidade**: Depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930 – 1990). 1995. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995. [Orientadora: Prof.^a Etelvina Maria de Castro Trindade]. Disponível em <http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_sa.pdf> Acesso em 10 nov. 2013.

SNEGE, Jamil. **Como eu si fiz por si mesmo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. A

_____. **Como se tornar invisível em Curitiba**. Curitiba: Criar Edições, 2000. B

_____. Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, p. 8, 14 nov. 1998. C

_____. Boas intenções para o próximo inferno. **Gazeta do Povo**. Curitiba, p. 8, 12 dez. 1998. D

_____. Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso. **Gazeta do Povo**. Curitiba, p. 6, 13 mar. 1999. E

_____. Bananas, mangas e lagartixas. **Gazeta do Povo**. Curitiba, p. 6, 10 abr. 1999. F

_____. Coisas que irritam em Curitiba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, p. 2, 27 maio 2001 F.

SOUZA, Beatriz. Grandes cidades brasileiras onde a violência virou epidemia. **Exame**. 26 set. 2013. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-grandes-cidades-do-brasil-onde-a-violencia-virou-epidemia#16>> Acesso em 30 dez. 2013.

TEZZA, Cristovão. **Um olhar de Curitiba**. São Paulo, 11 set. 2003. Disponível em <http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_olharcuitiba.htm> Acesso em 25 set. 2013.

_____. Curitiba está inteira no que escrevo: depoimento. [set. 2003] Curitiba: **Caderno de**

Ideias – travessa dos Editores. n. 3, set. 2003. P. 68-77. Entrevista concedida a Marcio Renato dos Santos. Disponível em <http://www.cristovaotezza.com.br/entrevistas/p_030903.htm> Acesso em 20 set. 2013.

TREVISAN, Dalton. **Em busca de Curitiba Perdida**. São Paulo: Record, 1992.

WALDMAN, Berta. **Do Vampiro ao Cafajeste**. Uma leitura da obra de Dalton Trevisan. São Paulo: Hucitec. Curitiba: secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Paraná, 1982.

_____. Dalton Trevisan: A linguagem roubada. **Revista Iberoamericana**. 1997. P. 247-255
Disponível em <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/3223/3405>> Acesso em 15 set. 2013.

_____. Tiro à queima-roupa. **Novos Estudos** – CEBRAP. n. 77. São Paulo, mar. 2007.
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100014&script=sci_arttext> Acesso em 15 set. 2013.

WINCK, Otto Leopoldo. Como eu se fiz por si mesmo: o sistema literário em Curitiba através do olhar de Jamil Snege. **Agália** – Publicação Internacional da Associação Galega da Língua. 1º semestre de 2009 n. 97/98. Disponível em <<http://www.agalia.net/images/recursos/97-98.pdf>> Acesso em 30 set. 2013.

ANEXOS

7.1 Como tornar-se invisível em Curitiba ¹³

Você pode começar treinando numa dessas manhãs de muita neblina, à margem de um lago ou num bairro bem afastado do centro da cidade. Pode optar por uma rua deserta, no começo da noite ou numa véspera de feriado. Pode vestir um uniforme camuflado ou levar seu ‘personal trainer’ a tiracolo, pouco importa. Esteja você com a síndrome do pânico ou com o coração amargurado, existe um método muito mais eficiente para tornar-se invisível em Curitiba do que essas desambulações pelos ermos da cidade. Embora não esteja ao alcance de todos, convém conhece-lo, já que é absolutamente infalível e seus resultados surpreendentes. Primeira condição: você precisa ter um talento genuíno. Estudar bastante também ajuda, mas nada substituiu aquele toque de gênio inconfundível que marca e distingue certas pessoas desde o berço. Pois bem. De posse desse talento que Deus lhe deu – e contra a falta de estímulo da família, do meio e particularmente da própria cidade – você deve se atirar de corpo e alma na consecução de seu destino. Guiado unicamente pelo seu daimon, pelo seu anjo tutelar, você dará início à construção de sua lenda pessoa e dos projetos que dela advirão.

Você estará, finalmente, a caminho de tornar-se invisível. Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. E é muito fácil perceber isso. Primeiro, não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento. Tudo farão para reconduzi-lo de volta à mediania, ou melhor, à mediocracia, que é o sistema vigente nesse estrato a que denominamos cultura. Se você resistir, tentarão cooptá-lo com promessas de nomeações ou ofertas de emprego em atividades sucedâneas. Se você é um belo projeto de escritor, alguém tentará convencê-lo de que é melhor, mais lucrativo, ser um redator de propaganda. Se você é jovem e promissor cirurgião plástico, com projetos de especialização no exterior, não faltará

¹³ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000, p. 9-11.

quem o convida para sócio de uma dessas empresinhas de medicina privada lá onde o diabo perdeu as botas.

Se mesmo assim você se mantiver fiel ao seu daimon, à sua lenda pessoa e não arredar pé de seu destino, a invisibilidade torna-se então um processo irreversível. Os amigos mais chegados são os primeiros a acusar falhas em seus sistemas de radar quando o objeto a ser captado é você ou algo que lhe diz respeito. Os convites tornam-se mais escassos, o telefone já não toca como antigamente; e mencionar seu nome ou seus feitos, nas reuniões para as quais você não foi convidado, passa a ser tomado como um gesto imperdoável traição ao grupo. Desse momento em diante, só os inimigos falarão de você. Falarão mal, obviamente. E o mais curioso: à maioria desses ‘inimigos’, a noventa por cento deles, você jamais falou, jamais foi sequer apresentado. Os amigos a gente escolhe, os inimigos escolhem-se a si próprios.

Esta talvez seja a parte mais cruel (ou mais irônica) da história. A sua visibilidade, enquanto pessoa, transfere-se para a imagem que os outros fazem de você. Pois é ela, a sua imagem, que circula e passa a frequentar os lugares para os quais você já não é solicitado. Não é mais você em pessoa – carne, sistema nervoso, personalidade, alma –, que se oferece à percepção do outro, mas uma espécie de correlato simbólico impregnado de tudo o que os outros lhe atribuem.

Para encurtar: vale a pena manter-se fiel ao seu daimon e cumprir com resignação cada etapa de sua lenda pessoa? Acho que sim. Curitiba está cheia de pessoas invisíveis.

7.2 O paraíso de Fernandinho ¹⁴

Meu amigo Fernandinho, ou melhor, Fernando Wagner de Abreu Duarte convidou-me para conhecer sua nova casa num condomínio fechado em Santa Felicidade. Um paraíso, ele se antecipa, os olhos vidrados em êxtase.

Domingo de tarde, céu azul, lá vou eu rumo ao paraíso. Os guardas da portaria me confirmam pelo interfone e um deles avisa: é a quinta casa à direita, tem um pavão pintado no vidro. Entro por uma alameda sombreada à procura do pavão e dou de cara com Fernandinho eriçando suas plumas hospitaleiras. Não precisa chavear o carro, ele sugere; pode inclusive deixar os vidros abertos. Reluto, mas obedeco. Dou uma olhada ao redor e só vejo seres angelicais: garotos andando de bicicleta, senhoras pastoreando cães, um velhinho lendo jornal à sombra de um plátano. Não deve ser um plátano, mas tanto faz: é p único nome de árvore que me ocorre no momento.

Fernandinho traz uma cerveja e sentamo-nos na varanda. Aproveito para perscrutar a vizinhança. Além das personagens já descritas, descubro um cidadão lavando o carro, uma garota de patins, um casal de namorados deslizando rua abaixo. Estranhamente, todos têm o mesmo sorriso. Olho para Fernandinho e ele me olha estranhamente, com um sorriso idêntico. Concluo que é um sorriso exclusivo dos moradores do condomínio, um sinal de perene bem-aventurança que os distingue do restante dos mortais. Deve ter sido entregue incorporado junto com as chaves e imediatamente afixado no rosto. Um sorriso aberto para ser usado apenas em condomínios fechados.

Minutos depois, chega um vizinho. Trocamos amabilidades mas ele percebe, pelo meu sorriso, que sou um tenso habitante extramuros; não consigo sorrir com a mesma amabilidade. Entram os dois em busca de uma furadeira ou de um cortador de grama e aproveito para me consultar a respeito da experiência que estou vivendo. Meu carro permanece estacionado na pracinha central com os vidros abertos e ninguém tentou surrupiar-me o toca-fitas. Estou a três passos da calçada e nenhum mendigo intimou-se a contribuir para uma mais justa distribuição de renda. Se ao menos um bebum me pedisse um gole de cerveja meu domingo já estaria salvo.

¹⁴ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba. op. cit.*, p. 33-35.

Para fugir do tédio, que ameaça mudar-se em depressão, começo a imaginar o que faria para tornar o condomínio do Fernandinho um pouco mais excitante. Primeiro, deixaria entrar dois ou três trombadinhas; o velhinho à sombra do plátano seria um ótimo teste de estreia para eles. Em seguida, transformaria a casa diante da qual o tal sujeito lava o Vectra num boteco apinhado de bêbados. Um carro com policiais atirando podia muito bem substituir a moça de patins. Os garotos das bicicletas seriam surpreendidos por um ladrão de bicicletas, que invadiria o condomínio na garupa de uma moto.

O casal de namorados seria arrancado de seu idílio pela chegada intempestiva de um terceiro elemento: o noivo traído, querendo resolver a questão a faca. Nessa altura, explodiria uma terrível briga de cães; a senhora que pastoreava seu cãozinho precisaria de no mínimo quinze pontos para suturar um talho na perna. Para completar o clima de normalidade, Fernandinho discutiria com o vizinho e enfiaria a furadeira ligada em seu umbigo. Ou a moto-serra, pois até agora não sei que objeto o outro veio tomar emprestado.

Preso o tarado da moto-serra, socorrida a mulher a abocanhada pelos cães, o velhinho do plátano devidamente atendido pelo Siate, eu iria tranquilamente embora sem me dar conta do roubo do meu toca-fitas. Com a fuga do ladrão de bicicletas e dos trombadinhas, os bêbados voltaria a seus copos com um brilho de paz verdadeira nos olhos aquosos.

Antes de passar pelo portão dos guardas, eu prestaria uma última homenagem ao condomínio do Fernandinho: a derrubada de todos os muros. Seria o primeiro condomínio fechado aberto ao mundo. Fernandinho jamais me convidaria novamente. E eu passaria meus domingos lendo Jorge Luis Borges, para ver se aprimorava meu estilo.

7.3 Carta de amor e desamor a Curitiba ¹⁵

Há uma Curitiba de 307 anos, há uma Curitiba de 332 anos. E há uma Curitiba ainda mais velha, guardada como um junquilha ressequido dentro de um missal vindo de Lisboa.

Há uma Curitiba cruel, outra fiel. Uma que aprisiona e maltrata, outra que cura tuas feridas com a salivinha gelada dos rocios.

Há uma Curitiba sonâmbula, vigiada por uma lua de osso contra a qual se lançam os cães da insônia, e uma plácida Curitiba em quarto-crescente, com suas tetas povoadas de êxtases e ternuras.

Uma ri um riso desdentado de ventos, que lambe com sofreguidão os telhados, outra inunda tua janela com o inesperado perfume de uma saudade antiga.

Uma que extravia teus passos por um labirinto de espelhos enevoados, outra que te reconduz, intacto, ao mundo das concretudes e das transparências.

Uma Curitiba espectral, cindida por navalhas e gritos, o brilho da morte coagulado nos metais, e uma Curitiba matinal, maternal, que indeniza o filho pródigo com um prato de mingau polvilhado de açúcar.

Uma Curitiba de refresco de framboesa, inocente e eucarística, que se pronuncia com um travo de fruta verde na língua, e uma Curitiba que é uma interlocução de lábios bambos, bares afora, num ritual caudaloso de imprecações e blasfêmias.

Uma Curitiba que te promete um paraíso de campos bordados de bostas, onde vacas opalescentes ruminam tenros crepúsculos, e uma Curitiba que te atira no inferno da existência, no qual demônios de hálito doce e ancas lascivas rasgam tua carne com unhas esmaltadas de gangrena.

Há uma Curitiba de manjedouras acetinadas, recendendo a lavandas e beijos, nas quais se vela o sono dos primogênitos, e uma Curitiba de marquises rotas, escuridão e mijo, sob as quais se aninha o torpor dos meninos que cheiram cola.

Há uma Curitiba das recém-casadas, janelas aéreas, enxovais de linho, e uma Curitiba das velhas putas – olhar turvo sobre as pedras gastas.

¹⁵ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. *op. cit.*, p. 39-40.

Há uma Curitiba de afogados, degolados e suicidas – e sobre essa Curitiba nós clamamos tua indulgência, ó Senhor.

Há uma Curitiba de glutões, vendilhões, usurpadores – e por esta Curitiba de avidez e cobiça nós rogamos que espalhes as cinzas da tua ira.

E há ainda a Curitiba dos puros, dos corações desarmados, daqueles que a cada manhã refazem de qualquer retalho a teia de suas vidas – e sobre esses, ó Senhor – velhos, viúvas, operários, menininhos – sobre eles a torrente da tua magnanimidade, porque são eles que retecem a teia de Curitiba, amém.

7.4 Minha vidinha de cachorro ¹⁶

Este texto foi psicografado, por isso é importante que eu me identifique logo como seu verdadeiro autor. Meu nome é Tarugo – e não me perguntem por que me botaram esse nome. Nós, cães, não costumamos contestar os nomes que recebemos. Puseram Tarugo, eu aceitei. Um nome é um nome, nada mais que isso. Não faz a menos diferença; É apenas uma necessidade que os humanos têm de dar nomes às coisas, desde que começaram a falar. Substituir a coisa por um som – não é uma tolice? Nós, da comunidade canina, temos um método muito mais eficiente. Isto mesmo: uma cheiradinha. Um nome olfativo. Basta contornar o companheiro, chegar por trás e snif! – já identificamos o cara. Se os humanos fossem realmente espertos, usariam o mesmo método. Mas eles acham que não ficaria bem. Já imaginou – dizem eles – o governador receber a visita de um representante estrangeiro, contornar e...?

Tudo bem. Deixemos para lá essa questão de nomes. O que me trouxe aqui, em espírito (vocês já devem ter notado que sou um cão falecido), é uma questão muito mais séria. Eu quero denunciar a tremenda injustiça que os humanos estão fazendo conosco. Se o cão é o melhor amigo do homem, a recíproca nunca foi tão falsa como agora. Vamos aos fatos. Vocês viram alguma notícia na imprensa de cães que são agredidos, feridos ou mortos por seres humanos? Nunca. Vocês veem exatamente o contrário. Cães agredindo. Cães mordendo as canelas de velhinhas indefesas. Cães atacando garotinhos angelicais. Cães perversos. Feras assassinas pondo em risco a sobrevivência da humanidade.

Eu que morri aos três anos, sem nunca ter abocanhado um glúteo, posso muito bem insurgir contra essa descarada hipocrisia. O que vocês estão fazendo conosco é uma verdadeira cachorrada. Começa que somos numericamente inferiores a vocês. Um cão para cada sete pessoas, dizem as estatísticas. E já que falamos em estatísticas, sabem quantos cães foram mortos nas ruas somente no ano passado em Curitiba? 5.730. Isso mesmo: cinco mil, setecentos e trinta cães. Vítimas de atropelamento, envenenamento e outras crueldades maiores. Algum vereador propôs qualquer medida para reduzir essa catástrofe? Ao contrário? Propuseram o uso de focinheiras. Não nos humanos, mas em nós. Só quem nunca foi cachorro pode aprovar uma barbaridade dessas. Cachorro não tem glândulas sudoríparas, como outros

¹⁶ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. op. cit., p. 44-47.

animais. Cachorros não podem suar, como suam os vereadores. Nós precisamos abrir a boca e botar a língua de fora para controlar a temperatura do corpo. Não é para fazer gracinha, não, nem para cativar eleitores...

Mas deixem eu contar minha história. Eu era um cachorrão bonito, pelo marrom, curtinho e brilhante. Minha mãe era boxer, meu pai era fila. Puxei mais o meu pai e muita gente me confundia com um fila de verdade. Até os dois anos e meio tudo correu bem. Eu tinha uma casa, uma família e uma tigela de ração bem cheia. Disciplina militar: meu dono era capitão, gostava de ser obedecido. E eu o obedecia, principalmente quando havia visitas. Ele ficava todo orgulhoso, não da minha obediência, mas da sua capacidade de comando. Eu, generosamente, deixava que ele colhesse os aplausos. Tenho impressão que no quartel as coisas eram um pouco diferentes. Mas vamos lá. Um belo dia o capitão anunciou que ia ser transferido. Embrulha, encaixota, embala – sobrei eu. Resolveram me dar para o jardineiro. Amarga experiência. Não se se alguém de vocês já foi cachorro de jardineiro. É horrível. Você não pode fazer buraco, deitar nos canteiros, rolar no gramado. Se uma planta secar, foi você que mijou nela. Não aguentei. Fugi. Mas não tive nem tempo de me arrepender. A famigerada *carrocinha* me pegou e lá fui eu trancafiado para o Canil Municipal. Nunca imaginei que houvesse tanto cachorro na cidade. Celas superlotadas, pulgas aos milhares, companheiros que nunca tomaram um banho na vida. Voltando às estatísticas: dos 4.271 cães que a Prefeitura capturou no ano passado, só 1,485 voltaram para os braços de seus donos ou arranjam uma família adotiva. O restante dançou: 619 foram doados para instituições de ensino e pesquisa (bisturi, extração de órgãos, etc.) e a maioria, exatamente 2.167 cães, foi sumariamente eutanasiada. Gostaram do verbo? Pois é como eles dizem lá: eutanasiar. Matar, sacrificar, exterminar são termos muito duros. Eles preferem eutanasiar. Não preciso dizer que fui um dos eutanasiados. Me agarraram, prenderam uma borracha ao redor do meu focinho e – doída e miseravelmente ardida – me aplicaram uma injeção de sal amargo. Morri feito um cão, as pernas amolecendo, a cabeça pesando, um calorão desgraçado explodindo dentro do peito.

(Assim termina o protesto de Tarugo, o Breve, que jaz sob toneladas de lixo no Aterro Sanitário desta mui ecológica e humana Cidade de Curitiba, amém.)

7.5 Meus cabelos longos e lindos ¹⁷

Depois de viver, desde os vinte anos, as agruras de uma calvície galopante, coadjuvada por um prematuro embranquecimento das têmporas, eis-me agora em pleno êxtase capilar. Que me sucedeu? Oh, nem vos direi. É que de semanas para cá, sem razões que as justificassem, irromperam-me pelo pelado crânio lindas e bastas madeixas do mais puro e castanho viço. Nem me acreditei, quando ao espelho acudi certa manhã, e nele surpreendi alguém que em tudo era eu, à exceção da calva, que milagrosamente se sumira debaixo de esplêndida massa pilosa. Boquiaberto, atônito, afastei de diante dos olhos a sedosa crina e olhei-me, interrogando duramente o aço enganador. Qual, continuava lá. Ainda incrédulo, puxei para baixo, para cima, a renitente marrafa, que de quimérica nada tinha, pois a dor que disso sobreveio pôs-me a gemer. Oh, voltaram-me os cabelos, gritava, e corri feito doido pela casa, abrindo portas e janelas por onde circulasse o vento. Aprazia-me, indescritível volúpia, o ar em movimento a revolver-me os cachos, para o que eu ainda contribuía, agitando a cabeça com violência para os lados, para o alto.

Quando dei por mim, esgotara-se a manhã. Ofegante e afogueado, fui ao banho, munido de todos os xampus que jaziam esquecidos pela casa. E então, voluptuosamente, como quem se entrega a um prazer há tanto tempo negado, cobri de espuma, massageei, lavei, enxaguei demoradamente meus adventícios pelos. Foram bem trinta minutos diante da janela aberta de digital massagem, ao fim dos quais, fulvos e fúlgidos, os cabelos deram-se por secos. Com um pente (foi-me custoso achar um) guiei-os em ondas, que já naturalmente se esboçavam, e eufórico ganhei a rua, com a pressa e a ansiedade que minha nova aparência exigia.

Aí sucedeu coisa estranha, que se constitui na parte mais insólita deste relato. Não me viam as pessoas tal qual eu me via. Não causei surpresa nem espanto. Cumprimentavam-me os conhecidos como se ainda a luzir me coroasse o antigo e desnudo crânio. Nem de amigos gozei melhor recepção, pois teimavam em me ignorar as melenas, embora eu as ajeitasse ostensivamente enquanto discorriamos sobre assuntos triviais. Intrigado com a invisibilidade de meus trunfos capilares, resolvi submetê-los à prova decisiva: um salão de cabeleireiros, diante do qual por acaso passei. Antes de entrar, localizei um sofá nos fundos, para onde me

¹⁷ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. op. cit., p. 59-61.

dirigi e aguardei a minha vez folheando distraidamente uma revista. Reservava-me, assim, um estratagemas: poderia fingir que esperava alguém. Há muitos senhores calvos que acompanham suas amantes ao cabeleireiro, e se realmente me vissem como tal, nada haveria a estranhar.

Foi com um sobressalto que recebi o convite para sentar-me à cadeira. Um rapaz alto, muito bonito, de mãos finas e longos dedos vestiu-me a sobrepeliz e confirmou o que me delatava o espelho: “Ajeitar as pontas senhor?”. Aquiesci, com um largo sorriso, e uma confortadora sensação inundou-me o peito. Não desprendi mais os olhos do espelho, enquanto os dedos muito brancos de *coiffeur*, em pente, emergiam de quando em quando retendo entre os nós porções de meus cabelos, que a tesoura preste decepava. “Aposto que muitas mulheres invejam esses seus cabelos, senhor”, mimoseou-me ele, à saída, ao que retribuí com generosa gorjeta e inefável sorriso.

Bem, se um estranho não só constatou-me a cabeleira, mas tratou dela e elogiou-a, o que levou, então, meus amigos a ignorá-la? Este, o enigma. Decidi submeter-me a um novo teste. Cruzei a rua em diagonal e logo adiante deu com a placa de uma perfumaria. “Preciso de xampu”, falei à moça do balcão. “Para que tipo de cabelo?”, ela me envolveu com seus longos cílios. “Este”, ofereci-me, a cabeça em elegante reverência. Ela examinou-me longamente, como se perscrutasse minha aura, e prescreveu: “Neutro. Xampu neutro. Este é muito bom”, e colocou um belo frasco esmeraldino à minha frente. “Levo dois”, prodigalizei-me, e ganhei a rua com meus xampus em plena e merecida bem-aventurança.

Antes de voltar a casa, bem tarde, entreguei-me à roda de todos os amigos e conhecidos que me ocorreram. Ninguém notou nada de extraordinário. À exceção do último, que – insistiu – achou-me muito abatido.

7.6 A cidade de nossos exílios ¹⁸

Meu amigo Álvaro Reis me remete, de lusitanas praias, três guias da cidade de Lisboa. *A Lisboa de Saramago*, *Lisboa nos passos de Pessoa* e *Lisboa, cidade de exílios*. Álvaro, ele próprio um auto-exilado, sugere-me na carta em anexo: “que tal se você escrevesse algo semelhante sobre Curitiba?”.

A ideia me comove. Um roteiro sentimental pelas veredas de Curitiba, seguindo as pegadas de algum notório cidadão. Apanho o guia de Saramago e começo a folhear. A primeira foto que encontro, em página dupla, é de um bonde. Ou e um elétrico, como se diz em Portugal. Curitiba também teve seus elétricos, amarelos e bucólicos, como este que margeia uma praça em Lisboa, contrastando com o verde das árvores. À respeitosa distância de cinco passos, que é devida aos prêmios nobéis, resolvo acompanhar Saramago em sua peregrinação. Cá estamos nós no Largo da Estrela, no Miradouro do Alto de Santa Catarina, no Terreiro do Paço, no Cais do Sodré, na Praça de Armas do Castelo. Um longo giro pelas tramas da cidade, com seus rebocos, vielas, cantarias e tinturas. Lisboa exhibe uns céus de poucas nuvens, fiapos de algodão a flutuar contra o brilhoso esmalte azul, e Saramago sente fome. Estamos saindo da Lapa e mais um pouco adiante, numa rua estreita, debaixo de um toldo, uma porta em arco abre um bocejo de penumbra à claridade do dia. É o restaurante Varina da Madragoa. Saramago já embarafustou-se e lá está ele, com a intrepidez dos assíduos, a encomendar uns pasteis de bacalhau “de crescer água na boca”, conforme reza o texto de Clara Ferreira Alves. Tímido e clandestino, aguardo junto à porta, como todo leitor que se preza. E só me movo dali, mantendo os cinco passos regulares, quando o mestre, saciado, reenceta sua visita. O percurso ainda inclui outras paradas, como as estátuas de Eça de Queiroz e Fernando Pessoa. A estátua de Eça surpreende os desavisados: grave, formal, quase taciturno, ele ampara nas costas uma bela mulher nua, que marotamente lhe sorri com a cabeça inclinada para trás. Há algo de cômico no conjunto, como se as duas metades de que se compõe fossem juntadas por um arbítrio irreverente e jocoso. Ele, com o rigor e o apuro de um dândi fin-de-siècle; ela, como se egressa de uma remota orgia greco-romana para um encontro atemporal no Largo de Quintela. A legenda tenta reestabelecer a sisudez necessária: “Eça de Queiroz, amparando a nudez crua da verdade”...

¹⁸ SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. op. cit., p. 62-64.

A estátua de Pessoa fica para este novo parágrafo, pois são seus passos que estamos agora seguindo, por esta outra Lisboa. Começamos pela Baixa e pelo Chiado, a bordo do texto de Marina Tavares Dias, Rua da Prata, Rua do Ouro, Rua Augusta, Rua Garret. O microcosmo pessoano, uma Lisboa dentro da outra. “A aldeia em que nasci foi o Largo de São Carlos”, escreveria ele a João Gaspar Simões, em carta de 1931. Pessoa nunca se afastou, emocionalmente, do pedaço de Lisboa que lhe coube pelo fado. “Como todo indivíduo de grande mobilidade mental, tenho um amor orgânico e fatal à fixação. Abomino a vida nova e o lugar desconhecido”. Há quem veja, nesse apontamento sem data, uma alusão aos doze anos que teve de viver na África do Sul, em companhia da mãe e do padrasto. Pessoa tinha cinco anos; cinco anos foi quanto durou a sua infância. Ao voltar, aos dezessete, entregou-se à paixão pela sua cidade e viveu-a até o fim. Sem a retórica e a grandiloquência da estátua de Eça – “amparando a nudez crua da verdade” –, a estátua de Pessoa é um tributo a uma vida sobretudo singela: ele, com seu indefectível chapéu, sentado, toma um prosaico cafezinho diante de A Brasileira do Chiado. Existe glória mais alta?

O terceiro guia, *Lisboa, cidade de exílios*, me devolve novamente ao meu bom amigo Álvaro Reis e à sua Regina, ambos auto-exilados por fado e convicção. À pergunta que ele me fez no início – “E que tal se você escrevesse algo semelhante sobre Curitiba?” –, respondo com a melancolia típica dos auto-exilados em si mesmos: acho que não conseguiria, Álvaro. Minha Curitiba é um cão ladrando para a lua da memória. E o único bonde que temos está parado. Não vai a lugar nenhum.

7.7 Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba ¹⁹

Desde julho que estou com meu livro pronto, empilhado aqui num dos cantos do estúdio. Ainda não tive coragem de lançá-lo. Todo dia dou uma olhada para os fardos embrulhados em papel kraft (cada fardo contém 80 exemplares) e suspiro de angústia e arrependimento. Mais um livro impresso, o nono que escrevi, e a velha ladainha de sempre: enviar aos críticos, aguardar os comentários, recortar as colunas de jornal. E, caso o resultado seja favorável, tomar um uísque e um calmante, comprar uma camisa nova, aparar a barba e – finalmente – sair à caça do incauto leitor, em noite de autógrafos, exibindo um ar inteligente (coisa difícil de sustentar por mais de trinta minutos) e premiando o público com tiradas espirituosas, que é tudo o que se espera de um escritor.

Já fiz isso umas quatro ou cinco vezes e sei perfeitamente como se sente a moça que fica rodando bolsinhas nas esquinas da vida. É a mesmíssima coisa. Com uma única diferença: enquanto ela, a moça da bolsinha, torna-se testemunha sensível da experiência, comprovando ou não o prazer que prometera ao cliente, o escritor some da vista do leitor quando este se propõe a degustá-lo. Permanece o livro, a obra – e o prazer ou desprazer de sua fruição raramente é comunicado. O escritor nunca sabe se o leitor leu de uma sentada, se bocejou ou dormiu durante a leitura, se atirou o livro a um canto e ligou a tevê. O escritor nunca sabe se foi objeto de leitura exclusiva ou de leitura concomitante (entende-se por leitura concomitante aquele que se pratica simultaneamente com outras atividades como, por exemplo, quando se vai ao banheiro). E o leitor, esse perverso, monstro sem face nem identidade, nunca se sabe se leu de si para si, compungidamente, ou para outrem em voz alta, entremeando a leitura com observações jocosas.

Eis por que, reafirmo, a preguiça a que me referi no título. Escrever pode até ser divertido – publicar é que são elas. Você fica nuzinho em pelo diante do leitor, com um sorriso meio idiota e cobrindo timidamente as partes. Agora mesmo, quando reúno forças para lançar o meu *Viver é prejudicial à saúde*, já começo a sentir a mesma ansiedade que Monica Lewinsky deve ter sentido ao entrar pela primeira vez no gabinete oval da Casa Branca: será que ele (o leitor, no caso) vai gostar? Clinton parece que gostou – tanto que repetiu várias vezes a experiência –, mas será que posso esperar o mesmo dos amáveis leitores? Em relação

¹⁹ SNEGE, Jamil. *Gazeta do Povo – Caderno G*. 14 de novembro de 1998. p.8

à crítica, não posso me queixar – foi benevolente até demais. Wilson Martins comentou-me favoravelmente em O Globo, André Seffrin escreveu longo artigo no Jornal do Brasil, Miguel Sanches Neto publicou análise memorável aqui na Gazeta, Wilson Bueno derramou-se em afetividades em A Notícia e na Folha do Paraná, José Castello me botou os cornos da lua no Estado de S. Paulo. Jefferson Del Rios comparou-me a John Fante (preciso lê-lo urgentemente) na revista Bravo!. A julgar pelo que disseram esses senhores, sou um escritor de talento, fato que tratarei de comunicar imediatamente à minha família e aos meus íntimos.

Como resultado da benevolência acima referida, comecei a receber telefonemas de São Paulo, Rio, Minas, Paraíba, Bahia. Até Lisboa entrou na linha pelo DDI. Todos querendo conhecer o livrinho que mantenho discretamente empacotado desde julho aqui no estúdio. Meio assustado com a expectativa criada, meio constrangido, vou enviando exemplares do *Viver...* pelo Correio e fornecendo o número de minha conta bancária para depósito do pagamento correspondente. Com receio de futuras complicações com o Procon e assemelhados, abro ao leitor uma prudente prerrogativa: sua satisfação garantida ou seu dinheiro de volta. É tão animado o número de ligações, entretanto, que temo esgotar a pequena edição antes de coloca-la à venda em Curitiba. Temo, não? Estou torcendo para que isso aconteça. Não que não aprecie os leitores locais, mas acho ótimo quando alguma coisa produzida aqui em Curitiba consegue acender o interesse lá fora. Teve até uma mola de São Paulo, moradora dos Jardins, que me ofereceu a livraria do seu bairro para vender meu livro. Pelo que entendi, ela manda e desmanda no livreiro, coitado. Adoro mulheres mandonas, especialmente quando resolvem agir em meu proveito.

Mas, voltando aos suspiros de angústia e arrependimento exalados no início, o mês de novembro está a esgotar-se, como diria Saramago, e eu tenho que fazer o lançamento. Já comprei uma camisa nova, um par de sapatos, já retoquei a barba com capricho. Faltas apenas marcar local e data e – coisa difícil – convencer minha família e meus íntimos de que sou realmente um escritor de talento.

Não custa tentar. Mas duvido que alguém acredite.

7.8 Boas intenções para o próximo inferno ²⁰

Sou um cara de 50 e vários anos e não apresento qualquer sinal de maturidade. Joguei 1998 para cima como quem atira uma pedra ou uma bola. Danifiquei alguns telhados e, sobretudo, minha reputação, que já não era lá essas coisas.

Ratifiquei as opiniões negativas que se tecem a meu respeito. E não contraditei os tecelões da maledicência com qualquer ato contrário. Fui indo por aí como costumam ir os meninos – o passo errado na parada, os pés trocados, a topada, o chute torto na trave.

De que me acusam? De evitar o trabalho. De não gostar muito de dinheiro. De passar a última década em branco, sem sinecuras ou campanhas milionárias. De jogar sempre no time errado. De não correr atrás de clientes, os quais seduziria com os coelhos que tiraria da cartola. De não ter cuidado com os dentes e, sobretudo, com minha aparência pessoal, que nunca foi das melhores.

Retruco como qualquer menino que dinheiro não é tudo; e mostro aos detratores uma caixinha que guardo há anos com duas ou três moedas raras. Esquivo-me ao constrangimento de cobrar dívidas de campanha, alegando que sempre fiz política com o ardor apaixonado de quem tenta conquistar uma dama; e que se satisfaz com apenas arrebatado o seu lençinho perfumado.

De mais a mais, meus devedores continuam encastelados em Palácio, um caldeirão de chumbo derretido se alguém lhes ameaça cobrar o que lhe é devido.

Profissionalmente, não evolui um milímetro. Dono de empresa, sou um eterno desempregado. Ganho menos que o guardião de minha firma; e este ainda fatura no jogo do bicho uns bons trocados.

Quanto a antigos traumas, ainda não me refiz de ter nascido em Curitiba. Nasci, pois, literalmente, com a corda no pescoço. Aceitei o meu destino, não me propus a corrigir geografias. Mas se pudesse escolher, sem dúvida Barcelona ou Buenos Aires.

Quanto ao que gastei, o essencial em supermercados e livrarias. Muito mais nos primeiros, embora me alimente regularmente de palavras.

²⁰ SNEGE, Jamil. *Gazeta do Povo – Caderno G*. 12 de dezembro de 1998. p.8

Continuo achando a mídia um estupor, o mundo cada vez mais curto e achatado. Os atores são maus, estejam na pele de um sem-terra ou de uma rainha. Quanto às massas, sou conservador: ainda prefiro torteloni de ricota.

Se ainda não falei nos funâmbulos de nossa cena política, com seus saltos mortais na corda bamba, foi porque predito a rasteira evolução das formigas. Cumprem elas uma coreografia milenar, cujos gestos estão rigorosamente inscritos no seu código genético; e que não se alteram, independentemente de estares ou não sendo observadas.

(Entre políticos e formigas, apenas um traço em comum: costumam assaltar nossos açucareiros; só que os primeiros o fazem no sentido não literal.)

Mas como 1999 vai chegar com a pontualidade de um trem suíço, aproveito para traçar algumas linhas de conduta. Primeiro, esvaziar o guarda-roupa, que anda demasiadamente cheio. Vou socializar minha deselegância. Se vocês virem uns mendigos mal vestido por aí, podem crer que fui eu o responsável.

Segundo, minha terrível dependência dos livros. Tenho fumado, cheirado, picado minhas veias com obras de duvidosa procedência. Depois de ler dez livros, chego à conclusão de que onze deles teriam sido dispensáveis.

Terceiro, o trato com as pessoas. Às mais próximas, prometo libertá-las de meu jugo afetivo. Às mais distantes, prometo atraí-las para bem próximo, restaurando esse jogo de bem-querer e malquerer de que é feita a vida.

Em relação à consciência social, essa luva fria e pegajosa que relutamos vestir, que ela esconda pelo menos as manchas de omissão e impiedade que nossas mais vêm acumulando.

Finalmente, se o espírito do tempo quiser retribuir minhas boas intenções, eu pediria apenas um pouco mais de talento – que tenho escrito umas coisas bem bobinhas.

7.9 Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso ²¹

Poetisa, 1,57, corpo perfeito, tipo mignon, totalmente liberada. Romancista bem dotado, 1,80, ótima aparência, ambos os sexos. Liberte suas fantasias: tradutora bilíngue, seios durinhos, você vai sentir-se no Salão Oval. Crítico literário, avantajado, jovem, técnica irresistível, inclusive casais. Crítica de arte, mestrado em Florença, sadô, com aparelhos, você vai delirar. Poeta concreto, meigo e sensual, só mulheres cultas que leiam Joyce no original. Casal cult: ela, cabelos loiros, plástica escultural, contista e romancista; ele, moreno, poeta e ensaísta, peito peludo, bem servido, em dupla ou individual.

Aqui estão algumas sugestões de anúncios aos escritores da terra que queiram aumentar a venda de seus livros. Valem também para os departamentos comerciais criarem seções especializadas nos veículos, tipo ‘Acompanhantes’, como temos aqui na Gazeta. À primeira vista a coisa pode parecer extravagante, de mau gosto. Mas não vejo outra saída. O paranaense típico é um grande comedor de picanha e um péssimo consumidor de livros. Prefere o carvão à celulose. A churrasqueira fumacenta à poltrona reclinável. O ossão engordurado da costela à hígida e nívea página impressa. Prefere entupir as veias com colesterol do que estimular os neurônios com uma rica e leve dieta de palavras.

Estou falando bobagem? Vejam as estatísticas. Raramente um bom livro, de um bom autor, vende mais que 300 exemplares no Paraná inteiro. E se vender muito mais do que isso, digamos mil, dois mil exemplares, podem crer que não se trata nem de um bom autor bem de um bom livro. Por delicadeza, deixo de citar exemplos. Prefiro voltar aos exemplo dos escritores da terra que, coitados, têm levado surras imensas de costelas, picanhas, filés & assemelhados na preferência do consumidor.

Já estou vendo o consumidor, osso na mão, um halo de gordura em volta dos lábios, me olhando feio por entre os fumos da churrasqueira. Tem razão. Ele não é propriamente culpado. O consumidor dificilmente fica sabendo dos bons livros, escritos por autores locais, lançados no Paraná e no resto do Brasil. Exemplos? Roberto Gomes, o autor que divide este espaço comigo e com o Carlos Dala Stella aqui no Caderno G. Roberto Gomes lançou no finzinho do ano passado um livro de contos excelente, *Exercício de solidão*. Vocês viram a

²¹ SNEGE, Jamil. *Gazeta do Povo – Caderno G*. 13 de março de 1999. p.6

cara do Roberto Gomes nos jornais? Não, mas garanto que viram mil vezes as nádegas das garotas do Tchan.

Domingos Pellegrini acabou de lançar *Terra-vermelha*, um romance de 511 páginas que narra com fartura de personagens e situações o início de Londrina e a colonização do Norte do Paraná. Vocês viram alguma entrevista do Domingos Pellegrini na tevê? Não, mas por certo vocês assistiram ao depoimento do cara que estuprou a leitoa ou que enfiou a mãe na máquina de lavar.

Cristovão Tezza, que ganhou com *Breve espaço entre cor e sombra* o prêmio de melhor romance de 98 na Câmara Brasileira do Livro, reaparece agora como finalista do Prêmio Jabuti. Mas não vem só: disputando com ele na categoria romance, outro escritor do Paraná, Valêncio Xavier, com o seu instigante *O mez da gripe*, objeto de várias teses em universidades de São Paulo. Vocês viram as fotos coloridas de Cristovão Tezza e Valêncio nas páginas gráficas de nossos jornais? Não viram, porque Xuxa e Sylvester Stalone chegaram na frente.

A lista não para por aqui. Além de outros que lançaram livros em 98, como Maria Christina de Andrade e Walmor Marcellino, temos uma enfiada de poetas, críticos, contistas e romancistas para nenhum comedor de picanha botar defeito. Nossa literatura vem adquirindo tal visibilidade no país que, no pensar de Leo Gilson Ribeiro, não haverá um próximo boom literário no Brasil sem a presença de autores do Paraná.

Ficcionista, 1,75, texto perfeito, razoavelmente bem dotado, experiente, ambos os sexos, inclusive casais. Satisfação estética garantida ou seu dinheiro de volta

Esse é o anúncio que fiz para chamar a atenção sobre minha novela *Viver é prejudicial à saúde*, já nas principais livrarias de Curitiba. Pois também ela corre o risco de ficar escondida atrás de um par de nádegas, que é o que mais abunda neste país.

7.10. Bananas, mangas e lagartixas ²²

Pode ser paranoia, mas já começo a acreditar que algo muito estranho ameaça abater-se sobre Curitiba. O que será, ignoro. Mas os presságios estão aí – e quem tiver olhos de ver, verá. Minha mãe, por exemplo. Nunca estudou os estóicos, mas de repente começou a ler sinais e correlacionar fenômenos de uma maneira que só um discípulo de Zenão faria. Outro dia, ao visita-la, flagrei-a galgando as escadas que levam ao fundo do quintal. Venha ver isto aqui, ela comandou lá de cima. Subi e compartilhei a apreensão da boa senhora: um gigantesco cacho de bananas, fazendo vergar com seu peso a haste verde e lisa da qual se dependurava. E havia outros, alguns em gestação, com seus belos pedúnculos roxos em feitio de botão de flor. Um prodigioso bananal, em plena frutificação, nos fundos do quintal da dona Anita, ali, na costura dos bairros Iguaçu e Água Verde, nesta Curitiba que sempre se orgulhou de suas madrugadas árticas de alvuras e cintilações.

Por onde andarão os invernos de antanho?, indaguei, retórico, em apoio à perplexidade materna que não se conformava em ver ali, impunes, as bananeiras e seus cachos, num clima sabidamente hostil às bananeiras. Dona Anita olhou para o céu, como se à procura de outros sinais, e eu tentei reproduzir de memória, naquele mesmo cenário, alguns junhos brabos de antigamente – eu, menino, saindo para a escola sobre o rígido tapete branco de geada e parando aqui e ali para quebrar a lâmina de gelo que recobria as poças d'água.

E agora? Bananas! Bananas, mangas e abacates, subvertendo a lógica de nossos pomares que sempre privilegiou maçãs, ameixas e peras, frutas de indisfarçável sotaque europeu. Abacates, eu disse? Esses até que já se tornaram corriqueiros, há uma boa quantidade deles em nossos quintais, mas e as mangas, o que vocês me dizem das mangas? As primeiras que vi em Curitiba, ali na Manoel Eufrásio quase esquina com Alberto Folloni, Juvevê, eram exibidas por uma arrogante mangueirinha de uns três metros de altura, toda prosa de seus coquinhos verdes e foscos. Parei para examiná-la com a incômoda sensação de que alguém pendurara ali frutos de plástico para estarrecer os incautos. Agora, para confirmar o fenômeno, a *Gazeta* mostrou as mangueiras carregadas do sr. Wilson Lingiardí, também da variedade *coquinho*, ali na Brasília Itiberê, por coincidência próximo do já aludido bananal da dona Anita.

²² SNEGE, Jamil. *Gazeta do Povo – Caderno G*. 10 de abril de 1999. p.6

Mas isso não é tudo. Não bastassem os prodígios botânicos, um outro sinal inquietante expõe-se nas casas e muros da cidade. Lagartixas. Vocês provavelmente já as viram, iniciando a colonização de Curitiba, elas que nunca antes se aventuraram por aqui. E como vieram? De carona, suponho. Escondidas nos porta-malas, enfiadas numa trouxa de roupa ou num guarda-sol, elas abandonaram seus torrões natais e migraram para cá, talvez atraídas, como os paulistas, pela tão propalada qualidade de vida da capital das araucárias.

Pois as lagartixas estão aí, escalando nossas paredes com o ar mais à vontade deste mundo. Imagino que as primeiras a chegar enfrentaram os rigores do frio com algum desassossego, uma certa inanição paralisante que as impedia de abocanhar suas mariposinhas. Mas as novas gerações parece que já tiraram de letra esse problema. Outro dia descii no elevador com uma lagartixa menina, de uns sete centímetros, grudada no teto, e em nenhum momento ela pareceu se incomodar com a minha presença. Ao contrário: seu olhar, juro, traía uma altiva indiferença pela minha barbuda pessoa, tal como fazem as outras meninas, não lagartixas, do prédio onde moro.

Creio, por exposto, que estamos sendo expulsos da faixa de clima temperado que a geografia nos destinou para uma zona de trópico úmido, a qual dividiremos com bananas, mangas, lagartixas e outros bichos. O processo está em curso e não duvido que logo-logo avistaremos, com seus turbantes brancos e saias rodadas, legítimas baianas vendendo acarajé diante da Catedral.

Enquanto não surgem novas revelações e a espada do anjo do Senhor, como alertou Dalton Trevisan, permanecer suspensa sobre nossas cabeças, sugiro que aproveitemos os efeitos da tropicalização de Curitiba. De minha parte, nada a opor. Sempre preferi o calor ao frio, a delícia de dormir de janelas abertas e um leve lençol a nos cobrir a casta nudez. Quem, como eu, veio ao mundo numa gélida noite de inverno e aparou nas tenras nádegas a palmada inclemente e ardida da parteira, sabe muito bem o que está dizendo.

7.11 Coisas que irritam em Curitiba ²³

A mania que o Curitiba tem de economizar o pisca-pisca. O sacana vai dobrar à esquerda, mas só liga o pisca-pisca quando o sinal abre.

Os emocionantes fins de semana em Curitiba. Se não é feira de filhotes no Barigui ou festa da uva em Colombo, é exposição de vacas no Parque Castelo Branco.

Os almoços de domingo. Ou é churrasco de contrafilé na casa do sogro ou risoto com polenta em Santa Felicidade.

Os passeios dominicais nos parques da cidade. Madames com celulite desfilando seus cãesinhos ou cachorrões com celulite desfilando suas madames.

Ou os atletas de fim de semana, que insistem em caminhar a nosso lado com o desodorante vencido.

A comunicabilidade do curitibano típico. Prefere subir dez lances de escada a dividir o elevador com seu vizinho.

O clima curitibano. Cinco estações que se revezam diariamente – outono, primavera, verão, rodoferroviária e inverno.

A trepidante vida noturna em Curitiba. Começa às seis da tarde e termina às oito e pouco, que ninguém é bobo de perder a novela.

O oba-oba em torno da cidade, uma das três melhores do mundo para se morar, de acordo com um gaiato norte-americano que passou uns dias aqui jantando no Ille de France. “Butiatuvinha? What is this?”

A insaciável fome de cultura as elites: Hebe Camargo às segundas, joguinho de tranca na quarta, Faustão e Sílvio Santos no domingo, que ninguém é de ferro.

O trânsito, mais uma vez. A única cidade no mundo que fornece habilitação para antas, garnisés e peruas e depois promove uma campanha para reprimir a bicharada.

O barulho ensurdecador das 300 mil fábricas que o governo implantou no estado, cujo eco, dependendo do vento, dá pra se ouvir até com o televisor desligado.

²³ SNEGE, Jamil. *Gazeta do Povo – Caderno G*. 27 de maio de 2001. p.2

A rica fauna dos rios que banham Curitiba. Peixe-pneu, peixe-sofá, peixe-saco (de lixo) e às vezes até um pobre lambari com conjuntivite.

As piscinas curitibanas, inativas durante onze meses do ano. No décimo-segundo, seus usuários viajam de férias.

As aquecidas, nos clubes: mais umas fatias de cenoura e estaremos nadando num prato de canja.

Finalmente, o carnaval curitibano. Delírio das massas: lasanha, tortelone, espaguete, enquanto a Mangueira aciona suas mulatas na telinha da Globo.